

CONSCIÊNCIA COMO PRÁTICA EDUCATIVA NA PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS: EXPERIÊNCIAS DOCENTES EM UM COLÉGIO PÚBLICO ¹

Sueli Abreu Guimarães²

RESUMO

Este estudo mapeou as práticas educativas preventivas do uso de drogas, realizadas por professores, do ensino médio, do colégio público X, importando identificar desde o comprometimento dos educadores até a percepção de prevenção destes, ressaltando a visão que possuem da prevenção do uso de drogas, os indicadores do problema no ambiente escolar, as ações que desenvolvem em sala de aula e o entendimento dos pesquisados acerca do despertar e desenvolvimento da consciência para prevenção. Foi realizado um estudo de caso descritivo com análise qualitativa. Foram aplicados dois questionários, um misto e outro aberto, com os docentes do colégio X e interpretados, principalmente, à luz de teóricos das áreas de educação e saúde. A temática abordada “práticas educativas de prevenção ao uso de drogas psicotrópicas”, na educação de nível médio, não é facilmente encontrada na literatura em geral, o que revela a premência de tratamento, pois se tem atribuído à presença das drogas, no ambiente escolar, o surgimento de diversos problemas. Constatou-se que a prevenção de drogas no colégio X acontece de forma incipiente, sufocada pelo sentimento de medo de professores e alunos. Os múltiplos sentidos atribuídos às drogas são ignorados e as atividades desenvolvidas, por poucos professores, negligenciam a biografia diversa e complexa dos estudantes. Urge, portanto, a instauração de práticas preventivas significativas, capazes de promover, fomentar e favorecer o encontro do ser humano aprendiz com ele mesmo, partindo do seu interior para o exterior, através do despertar e desenvolvimento da sua consciência.

Palavras-chave: Drogas Psicotrópicas. Educação. Consciência.

ABSTRACT

¹ Artigo/Capítulo (segunda parte) da dissertação de Mestrado Profissional em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social (Fundação Visconde de Cairu) elaborado pela pesquisadora Sueli Abreu Guimarães, sob a orientação das Professoras Doutoras Karen Sasaki e Maribel Barreto.

² Mestre em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social pela Fundação Visconde de Cairu (FVC); Especialista Metodologia Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação (UNEB); Especialista em Coordenação Pedagógica (CEPOM); Especialista em Psicopedagogia Escolar (FEM); Especialista em Direito Civil e do Consumidor (JUSPODIVM); Especialista em Gestão, Auditoria e Controladoria de Contas Públicas Municipais (UNIBAHIA); Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Graduada em Direito pelo Centro Universitário Estácio da Bahia (Estácio FIB); Professora da rede pública de ensino e Advogada.

This study mapped the preventive educational practices of drug use, conducted by teachers, high school, public school X, regardless identify from the commitment of educators to the prevention of these perceptions, highlighting the vision that they have of preventing drug use the indicators of the problem in the school environment, the actions that develop in the classroom and the understanding of those surveyed about the awakening and development of awareness to prevention. One descriptive case study was performed with qualitative analysis. Two questionnaires, a mixed and open another, with teachers of the college X and interpreted, especially in light of the theoretical areas of education and health were applied. The thematic of "educational practices to prevent the use of psychotropic drugs", in secondary education, is not easily found in general literature, which reveals the urgency of treatment, as has been attributed to the presence of drugs in a school setting , emergence of several problems. It was found that drug prevention at school X happens incipiently, stifled by a fear of teachers and students. The multiple meanings attributed to drugs are ignored and the activities conducted by few teachers neglect the diverse and complex biography of the students. Therefore urges the establishment of significant preventive practices that promote, encourage and foster the encounter of the human being apprenticed to himself, starting from the inside to the outside, through the awakening and development of your consciousness.

Keywords: Psychotropic Drugs. Education. Consciousness.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem por escopo mapear práticas educativas de professores, do ensino médio, do colégio público X, que têm por finalidade a prevenção ao uso de drogas, importando identificar desde o comprometimento dos educadores até a percepção de prevenção destes, ressaltando a visão que possuem da prevenção do uso de drogas, os indicadores do problema no ambiente escolar, as ações que desenvolvem em sala de aula e o entendimento dos pesquisados acerca do despertamento e desenvolvimento da consciência para prevenção.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) diz que droga "é qualquer substância não produzida pelo organismo que tem propriedade de atuar sobre um ou mais de seus sistemas produzindo alterações em seu funcionamento" (BRASIL, 2012, p.88). Contudo, neste trabalho ao se falar drogas estará se tratando das que agem, diretamente, sobre o sistema nervoso central, gerando modificações de comportamento, de humor e, com a continuação da

administração, provocam modificações da cognição, são as drogas psicotrópicas ou psicoativas (VIZZOLTO, 1992; GRISSOLIA; SOBRINHO, 2000; DIAS, 2001). Assim, onde estiver escrito drogas, nesta pesquisa, entenda-se “substâncias psicoativas ou psicotrópicas”, mais especificamente, as de uso ilícito (maconha, cocaína, LSD, crack, heroína).

Há, também, neste estudo, a invocação do usuário de drogas como ser humano indivisível, não fragmentado, de modo se parte da premissa que “[...]Não existe dependência só física ou só psíquica, como se fossem departamentos estanques. Na verdade, há drogas com *predomínio* da dependência psíquica e outras com *predomínio* da dependência física” (WUSTHOF, 1991, p.50). Assim, não bastam “remédios e tratamentos” direcionados ao corpo, ao físico, até por que a dependência instalada não precisa ser combatida, mas desestimulada e, para tanto, é preciso vivificar o ser adormecido e anestesiado, impedido de ser pleno e vigoroso. Daí, o sentido e a importância da consciência como fonte, filtro e força inerente ao ser humano que, ao ser despertada e desenvolvida, dá significado ao trabalho educativo de prevenção ao uso de drogas.

As práticas preventivas a serem delineadas serão analisadas, colocando o ser aprendiz/estudante como ator e autor de toda a ação educativa, sobrelevando o desenvolvimento da consciência como condição primeira para que a prevenção do uso de drogas aconteça de maneira efetiva.

As práticas educativas desenvolvidas em sala de aula pelos educadores do Colégio Público X, ou projeto interdisciplinar executado em que a Prevenção do Uso de Drogas foi tema, também, serão mapeadas, a fim de que se tenha noção do que se realiza em prol de uma educação escolarizada comprometida com o ser e todas as suas dimensões – social (inter-relações), política (gerir o bem comum), afetiva (sensibilidade), espiritual (religação).

As lentes adotadas para tessitura deste escrito estão embasadas numa visão multidimensional e interdisciplinar de educação e prevenção do uso de drogas, por isso, abstém-se de tratar o assunto pelo viés unidimensional e polar que vez por outra o rigor científico recaiu, prejudicando a compreensão da complexidade geradora de leituras ricas e possíveis acerca do tema. Daí, acreditar na necessidade da educação que mobiliza tanto a cultura científica quanto a cultura das humanidades, descabendo a separação entre elas, a fim

de responder “aos formidáveis desafios da globalidade e da complexidade na vida quotidiana, social, política, nacional e mundial” (MORIN,2012, p.33).

Compreende-se, portanto, que a escola possui um papel social importante, mas, sobretudo, uma função humanizadora de extrema relevância que não se pode reduzir ao repasse de informações e conhecimentos seculares, uma vez que no mundo globalizado existem outras formas muito mais atraentes e instigantes de “intelectualizar” o indivíduo. A instituição escola, hoje, mais do que nunca, precisa estar convencida que

Cabe à educação do futuro cuidar para que a ideia de unidade da espécie humana não apague a ideia de diversidade e que a da diversidade não apague a da unidade. Há uma unidade humana. Há uma diversidade humana. A unidade não está apenas nos traços biológicos da espécie *Homo sapiens*. A diversidade não está apenas nos traços psicológicos, culturais, sociais do ser humano. Existe também diversidade propriamente biológica no seio da unidade humana; não apenas existe unidade cerebral, mas mental, psíquica, afetiva, intelectual; além disso, as mais diversas culturas e sociedades têm princípios geradores e organizacionais comuns. É a unidade humana que traz em si os princípios de suas múltiplas diversidades. Compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno (Idem, 2000, p.55).

É com o espírito e a certeza de que não se constrói um conhecimento isolado de outros, evitando a fragmentação e o dualismo separatista entre mente e corpo, intelecto e sensibilidade, razão e emoção, que este trabalho se norteará, a fim de entender como a prática educativa preventiva do uso de drogas, no Colégio X, tem se configurado. Confia-se que ao compreender a referida realidade, emergirá a possibilidade de debate e discussão de maneira responsável e comprometida, séria, ensejando futuras reflexões, análises e, quiçá, sugestões, na direção de uma prática educativa capaz de atender ao chamamento da prevenção do uso de drogas, feito pelas estruturas governamentais, pela família, mas, sobretudo, ocupada em atender à necessidade da pessoa humana, ora estudante, a qual deseja falar e ser ouvida acerca dessas e de outras questões.

Assim, tanto educadores como escola, enquanto estrutura organizacional educativa, não podem perder de vista que a

construção da identidade da escola passa, primeiramente, pela construção individual da identidade de seus membros, que são sujeitos desse processo, como também do processo do conhecimento que nessa escola se desenvolve (PETRAGLIA, 2008, p.82).

Neste viés, diversos são os estudiosos que respaldarão este trabalho, tanto na análise dos dados obtidos através do instrumento de pesquisa quanto na percepção e vislumbre do que não contribui (e do que poderia contribuir, conjecturando-se) para uma prática preventiva do uso de drogas implicada, comprometida, com a vida consciente: aprender a conhecer, a fazer, a conviver e a ser. Por isso, compreende-se

[...] a Consciência como uma das faculdades inatas, capitais do Ser Humano, que lhe favorece, inclusive, absorver, se assim podemos dizer, o valor significativo e real das relações, conforme o que estabelecem as Leis Universais[...] A Consciência refere-se, portanto, àquela força interior do Ser Humano que o impele a exteriorizá-la sob forma de ação, para os devidos fins, pois em tudo tem uma razão de existir. (BARRETO, 2005, p.57/8)

No intuito de melhor respaldar o tema a ser tratado, mister se faz, antes de adentrar na análise dos dados, expor algumas noções acerca da educação escolar; da relação educação e consciência e do desenvolvimento da consciência na prevenção do uso de drogas.

1.1 PREVENÇÃO ESCOLAR DO USO DE DROGAS

A educação institucional vem acontecendo dentro de um sistema social, econômico, histórico e cultural, atendendo às expectativas advindas dos interesses de classe, a fim de garantir instrução para ascensão do indivíduo e, conseqüente, passagem para outro estrato social. O processo educativo escolar tem refletido, ao longo dos anos, as estratificações, desigualdades e exploração pela sociedade capitalista prático-utilitária que preza pelo descartável, tais aspectos também são responsáveis pelas modificações na dinâmica entre produção material, produção do saber e apropriação do saber – a educação escolar surge como forma socialmente dominante da educação que permite o acesso à cultura de forma sistematizada e deliberada.

Saviani (2012) esclarece a relação entre educação escolar e estrutura social, quando afirma que a institucionalização da educação, que outrora se realizava de forma difusa, assistemática e espontânea, acontece por exigência da sociedade moderna para transformar saber em meio de produção.

[...] Tal institucionalização que a produção e reprodução do ser da sociedade passam, ao longo do processo histórico, a requerer a existência de um tipo específico de atividade humana, voltado para a formação dos indivíduos. Em outras palavras, a partir do capitalismo torna-se uma necessidade do ser da sociedade a elevação do processo educativo, do nível de processo educativo em-si para o nível de processo educativo para-si (SAVIANI, 2012, p.44).

O entendimento de que o processo educativo avança na linha histórica, não se discute, contudo, traz no seu âmago o germe da contradição, inerente ao capitalismo, uma vez que não promove a verdadeira emancipação do ser humano, mas o instrui para a utilização da mão de obra fácil, inculcando-lhe a ideia de liberdade através da aquisição de bens materiais. Assim, também, embala o discurso da democratização, porém, nega o livre acesso a todos (como apregoa), uma vez que escalona o caminho do conhecimento, inviabilizando o ingresso de muitos, selecionando quem pode e quem não pode.

A pessoa humana é identificada como dente da engrenagem, peça que favorece a produção em série, viabilizando o funcionamento da máquina de aquisição de riqueza. Dessa forma, interesses políticos, saberes cientificizados e produção efetiva das regulações, todos articulados,

[...] encontra na ação educativa, mais propriamente na ação docente no interior da instituição escolar, um elemento vital a sua consecução: a escola constitui uma via de intermediação entre os indivíduos e a verdade. Trata-se de uma instituição cujo adequado funcionamento torna possível, por meio de uma triangularização entre política, ciência e educação, tornar os indivíduos sujeitos de determinados tipos, a partir da exposição à verdade [...] a escola se encontra no ponto em que as finalidades políticas, métodos de produção da verdade e técnicas de implementação da verdade se encontram e se inscrevem nos corpos, nas mentes, nos desejos, nos valores e nas vontades dos indivíduos [...] (RIBEIRO, 2013, p.131/32).

A escola emerge, então, como espaço estratégico, econômico e sutil para que a ideologia dominante seja repassada e se torne, naturalmente, de todos e de cada um. A subjetividade é considerada somente a título de manobra, servindo para ser guiada a partir da implantação de anseios/visões/posturas que, por não nascerem do íntimo do indivíduo, a quem a prevenção é direcionada, não consegue se sustentar por si mesmo. Dessa forma, prevenção se confunde com administração de doses periódicas de discursos; campanhas; palestras; imagens chocantes.

O trabalho de prevenção ao uso de drogas mesmo acontecendo num espaço povoado por histórias diversas, microculturas familiares, leituras de mundo variadíssimas que, para ocorrerem, reduzem e sufocam o todo destoante, as falas e as visões dos aprendizes, para dar lugar e fazer prevalecer a doutrina “verdadeira” e legitimada pelas forças governantes, as quais se respaldam nas ciências e na política, instituídas pelos governos, para fazer prevalecer a sua voz, o seu status de saber superior.

Na lógica do ensino tradicional, ainda vigente nas escolas, prega que a liberdade não precisa ser alimentada, pois esta inviabiliza a homogeneidade que é buscada a todo preço (no uniforme, na disciplina, no silêncio), entretanto, “Não é possível a educação correta *en masse*” (KRISHNAMURTI, 2003, p.94). Por educação correta entende-se àquela que compreende o ser aprendiz na sua individualidade, “[...] tal como é, sem lhe impor nenhum ideal relativo ao que pensamos que ele ‘deveria ser’” (Idem, 2003, p.24). Neste sentido, rejeita-se o enquadramento, a camisa de força e a indução, uma vez que o que se pretende é estimular, despertar, a capacidade de o indivíduo pensar por si mesmo, sem muletas, evitando conflitos internos frente a um modelo ideal a ser seguido.

As práticas educativas dentro das escolas brasileiras sofrem regulação de normas vigentes que regem a Educação Escolar, sendo a Lei 9.394/1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, a legislação que regulamenta o sistema educacional (público ou privado) do Brasil (da educação básica ao ensino superior), estabelecendo os princípios da educação e os deveres do Estado em relação à educação. No corpo desta lei há a ratificação do direito à educação, tratando-se de uma garantia constitucional.

Neste sentido, em obediência aos princípios da Carta Maior emergem resoluções, decretos, portarias, programas, parâmetros, todos visando assegurar:

Art. 205 A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206 O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

IV - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

V - valorização dos profissionais do ensino, garantido, na forma da lei, plano de carreira para o magistério público, com piso salarial profissional e ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, assegurado regime jurídico único para todas as instituições mantidas pela União;

VI - gestão democrática do ensino público, na forma da lei;

VII - garantia de padrão de qualidade (BRASIL, 2014).

No que tange a prevenção ao uso de drogas nas escolas, Ribeiro (2013) destaca o *Fórum de Debates Sobre o Uso e Tráfico de Substâncias Tóxicas ou que Causam Dependência Física ou Psíquica*, evento ocorrido na Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, nos dias 21, 23 e 24 de setembro de 1970, como marco para o surgimento da educação preventiva nas escolas não mais como um caso de saúde e segurança públicas, mas educacional, vendo nas escolas o meio operar a prevenção, contudo,

[...]como tecnologia de poder que diz sim à vida, que se apresenta como defesa dos interesses dos sujeitos e que, fundamentalmente, se volta à conquista da adesão do dominado, em oposição às estratégias repressivas, que se impõem unicamente por meio da força e do exterior. A manipulação dos desejos e a direção da vontade, enquanto fins de governamentalidade, encontram na instituição escolar seu agente mais promissor [...] (Idem, p.90).

Cabe salientar que o referido Fórum é anterior à promulgação da Constituição Federal vigente, a qual data 1988, de modo que o contexto sócio-histórico, econômico e político da época em que as ideias sobre uso e tráfico de drogas foram debatidas, no evento em Porto Alegre, carregou no seu bojo posturas e leituras diversas realizadas pelos palestrantes da área médica e de segurança, mas, não havia nenhum da área educacional, apesar de terem sido indicados como a quem caberia a incumbência de realizar a prevenção. Destarte, observa-se “a emergência da prevenção ao uso de drogas através da educação como um prolongamento das táticas políticas de controle social que instituíram as legislações proibitivas e as técnicas repressivas” (Ibidem, p.96). A prevenção é, conforme Huhne e Braga (2004), a forma mais eficaz de trazer resultados a um custo muitas vezes menor.

Decerto, não é a educação que adestra ou desumaniza que se quer referenciar neste estudo, mas sim, a que liberta e favorece a autonomia do ser humano. Contudo, é preciso estar atento aos disfarces e aos “pacotes prontos” que chegam às unidades educativas, para serem aplicados, sem contar com qualquer participação da comunidade destinatária. Geralmente, os métodos e modelos a serem seguidos pelos educadores oferecidos pelos governos estão carregados de ciência, de especialistas que prescrevem passo a passo como desenvolver cada ação.

Os estudos científicos ainda são os legitimadores das ações docentes, dos conflitos singulares e dos dramas presenciados em cada instituição de ensino. Isto leva a uma padronização, uma homogeneização, tanto das práticas quanto dos diagnósticos, pois o que está no programa é seguido e o que foge do programa é desconhecido e tem que ser objeto futuro de estudo ao qual os docentes, cumpridores, não se sentem e não são autorizados a tratar. Dessa forma

“[...]o cientificismo é o pano de fundo da nossa fragmentação. Esta se traduz na separação de raças, credos, nações, classes sociais e hemisférios – Oriente e Ocidente; em pessoas separadas, auto-enclausuradas, fechadas, individualistas, em busca unicamente de seus interesses pessoais, mesmo que em prejuízo de terceiros; em grupos de pessoas agindo como se não houvesse mais ninguém ao seu redor... comprometendo a qualidade de vida das pessoas e do planeta.” (BARRETO, 2005, p.26/7).

A prevenção de drogas no espaço “automatizado” da escola, diante da realidade que valora a objetividade em detrimento da riqueza renovável da subjetividade, que exalta o aparente e ignora o profundo, não poderia abordar o tema em estudo de forma diferente dos trabalhados, isto é, ignora-se que “[...]É preciso educar, transformando. Modificar o que se tornou impróprio, injusto e obsoleto para reconstruir o novo e ampliar as ações na direção do bem e do melhor. Esse é o roteiro impostergável da evolução.” (MENEZES, p.53). Ainda hoje, o preconceito se faz presente dentro e fora das unidades escolares quando o assunto é o uso de drogas. O usuário de substâncias psicoativas é visto como ameaça à tranquilidade, à harmonia, à decência, encarado como pervertido, rotulado de desviante, de marginal. Neste sentido,

[...] A escola emerge como guardião dos caminhos retos e direitos, em oposição aos comportamentos desviantes que ameaçam a ordem social. A história dessa instituição é a história de uma progressiva busca de encaixe de existência social na lógica econômica, tendo por objetivo fazer com que os sujeitos identifiquem seu próprio prazer com tudo o que puder ser produtivo para o Estado para a manutenção dessa específica configuração das relações de poder que atravessam a ordem econômica, política e existencial (RIBEIRO, 2013, p.126).

Despreza-se o ser, ignorando-o. Olvidam-se de que “Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é seu único praticante” (BRANDÃO, 1995, p.9).

A concepção de educação escolar a serviço das estruturas sociais e de sua perpetuação contrasta com a visão humanizadora, que se adotou como guia deste trabalho, por acreditá-la como objetivo maior da educação escolar, a qual é subsistema da Educação, não podendo esta ser negada por aquele através de uma ação educativa intransigente, muda e insensível à condição humana. Nota-se que

A educação nos dias atuais está amplamente voltada para a cabeça. Espera-se que as crianças memorizem enorme quantidade de informações, a maior parte das quais é esquecida logo após os exames. As mãos, até certo ponto, são também objeto de cuidados, por meio do desenvolvimento de certas habilidades. A área negligenciada é o coração. Num

sistema de educação integrada, todos os níveis da personalidade humana devem ser levados em consideração [...] (JUMSAI, 2000, p.3).

Ainda, é possível acrescentar que concorre para fortalecimento da valorização da visão humanizadora da educação institucionalizada, a postura do educador progressista, salientada por Freire (1997, p.162), devendo esse estar comprometido com desenvolvimento integral do ser humano, de modo que “[.] precisa estar convencido como de suas consequências é o de ser o seu trabalho uma especificidade humana [...]”, então, convicto do inacabamento do homem/gente e da transitoriedade sócio-histórica.

[...]a condição humana fundante da educação é precisamente a inconclusão de nosso ser histórico de que nos tornamos conscientes. Nada que diga respeito ao ser humano, à possibilidade de seu aperfeiçoamento físico e moral, de sua inteligência sendo produzida e desafiada, os obstáculos a seu crescimento, o que possa fazer em favor da boniteza do mundo como de seu enfeamento, a dominação a que esteja sujeito, a liberdade por que deve lutar, nada que diga respeito aos homens e às mulheres pode passar despercebido pelo educador progressista. Não importa com que faixa etária trabalhe o educador ou a educadora[...]É que lido com gente. Lido, por isso mesmo, independentemente do discurso ideológico negador dos sonhos e das utopias, com os sonhos, as esperanças tímidas, às vezes, mas às vezes, fortes, dos educandos. Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar[...] (Idem, p.162/63).

É, portanto, no encontro de seres humanos que se dá a Educação, aprende e ensina tanto educador quanto educando, "Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo" (Ibidem, 1981, p.36). Esta afirmação pode destoar parcialmente do pensamento de Rohden (2009, p.85), quando este anuncia que “Ninguém pode educar alguém, alguém só pode educar a si mesmo”, todavia tanto um autor quanto o outro não deixa dúvida de que o processo educativo está focado no ser aprendiz e não no ser ensinante, até por que este, é o aprendiz que se retroalimenta, aprende ao ensinar.

Aquele que ensina (educador) e aquele que aprende (educando) remontam, quando levada a efeito esta bipartição, o tradicionalismo da educação, a educação bancária, contudo, se visto numa via de mão-dupla, o

ensinante é aprendiz e o aprendiz é ensinante, aí, então, não resta dúvida de que as mediações realizadas pelas relações dos humanos fazem com que esses apreendam o mundo e o signifiquem conforme o despertar e o desenvolvimento da sua consciência, tornando-os ator e autor da história a que, autonomamente, dão forma.

Na dinâmica da vida, nas trocas que acontecem no espaço e no tempo reservados à educação escolar, onde todos os envolvidos no processo educativo crescem nas suas estruturas objetivas e subjetivas é que se constata que “Educação no sentido verdadeiro, é ajudar o indivíduo a tornar-se um ente amadurecido e livre [...]” (KRISHNAMURTI, 2003, p.22) que “A mais alta função da educação consiste em produzir um indivíduo *integrado*, capaz de entrar em relação com a vida como um todo[...]” (Idem, p.23), só assim novos valores emergem despertando-lhe inteligência, mas, sobretudo, tornando-o cada vez mais sábio. Por isso, vale destacar a relação e integração entre Educação e Consciência na prática educativa.

1.2 EDUCAÇÃO QUE DESPERTA E DESENVOLVE A CONSCIÊNCIA

A função essencial da educação é produzir um indivíduo integrado e aos educadores é atribuída a missão de manterem-se “atentos, vigilantes e bem cômicos dos seus próprios pensamentos e sentimentos, e isso requer muito mais inteligência e afeição do que estimulá-la a seguir um ideal” (Ibidem). Desta maneira, a educação não é instrumento de domesticação, de adestramento, pois se sabe que “a maior desgraça do homem está em não ter esta visão panorâmica da sua existência total e permanente. E é este o fundamento de toda a educação verdadeira” (ROHDEN, 2009, p.27). Ademais,

Paralelamente à crise interna, a escola reflete a sociedade, os fenômenos exteriores a ela, mas que interferem diretamente em seu cotidiano, tais como a exclusão social, o desemprego, a violência, entre outros. Assim, a escola torna-se objeto de críticas e acusações, passando a ser percebida como causa, consequência e espelho de problemas aos quais, muitas vezes, não consegue responder e nem está ao seu alcance solucionar. Portanto, é perceptível a complexidade do lugar da escola na sociedade atual e há que cuidar sobre como enfocar a questão das drogas nesta ambiência. (CASTRO; ABRAMOVAY, 2005, p.90)

Não parece tarefa fácil para os profissionais de educação fomentar e fazer emergir do ser todas as suas potencialidades, a fim de que suas habilidades, capacidades e competências ganhem corpo, forma e visibilidade, não somente aos olhos de quem assiste, mas, sobretudo, do próprio protagonista. Uma das finalidades da educação escolar no ensino médio é, justamente, “[...] o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico [...]” (BRASIL,2000, p.10).

A tarefa ainda se apresenta mais árdua quando se percebe que o mundo em que se vivem seres sensíveis, tornou-se o mundo do palpável, do mensurável, onde a força material tem e vem sustentando as relações, estas revestidas, quase sempre de uma burocracia e de uma artificialidade que impedem de ver o ser, pois é o ter que está em destaque. O problema que persiste é que “Na verdade a escola continua reproduzindo o sistema, induzindo os alunos à produção e ao consumo, levando-os à frustração, ao vazio, com seus currículos que não motivam, que tolhem a criatividade e a participação” (VIZZOLTO,1991, p.62).

Na maioria das vezes, tem-se olvidado de que prescrições, regras e métodos postos são importantes na sua medida, mas não substituem o contato humano ou a palavra que nutre e enriquece àquele que procura, dentre tantas coisas, na vida, respostas para as inquietações existenciais mais primárias, todavia, urgentes – Quem sou? De onde vim? Pra onde vou? Qual meu papel no mundo?

Conhecer o humano é, antes de mais nada, situá-lo no universo, e não separá-lo dele. [...] todo conhecimento deve contextualizar seu objeto, para ser pertinente. “Quem somos?” é inseparável de “Onde estamos?”, “De onde viemos?”, “Para onde vamos?” (MORIN, 2000, p.47)

A Educação ao se ocupar do despertar e desenvolvimento da Consciência na prevenção de drogas oferece “instrumentos” não só para o trabalho do professor, mas também, atende a exigências normativas, podendo-se notar que a Constituição Federal da República Brasileira (1998) apresenta os direitos e garantias fundamentais respaldados diretamente na dignidade da

pessoa humana e, não obstante, a Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948) é iniciada considerando que “o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e de seus direitos, iguais e inalienáveis, constitui o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo”.

Dessa forma, há implícita e explicitamente a convocação para o trabalho com e da consciência, pois não é possível entender dignidade da pessoa humana, família humana, liberdade, justiça e paz sem requisitar, sem ocupar e sem desenvolver a consciência.

Em suma, a consciência precisa ser desenvolvida em todo o seu potencial, explorada, expandida, aprofundada no contato consigo, com o que está à volta e com o universo como um todo. Essa é a condição para alcançar a plenitude do potencial humano, e os mestres orientais insistem na importância da observação, como quem testemunha sem se envolver, olhando, sem julgar, o próprio interior (sensações corporais, sentimentos, emoções, pensamentos, movimentos, desconforto etc.) e o que está à volta. A consciência total da experiência interior e exterior requer aceitação total da experiência tal como ele é, como se apresenta; qualquer interferência de nosso pensamento, a não-aceitação do que somos, do que estamos sentindo, reduz o contato com a verdadeira experiência (PEREIRA; HANNAS, 2000, p.111).

A atividade do educador é, sem dúvida, um exercício de compreensão acerca do outro e das suas relações consigo, com o outro e com o mundo, de modo que a complexidade precisa ser notada como uma condição inerente ao ser desde a sua tenra infância, ou mesmo à vida intrauterina, devendo ser sobrelevada pelas instituições escolares.

Citei a palavra complexidade. A complexidade não é a palavra-mestra que vai explicar tudo. É a palavra que vai nos despertar e nos levar a explorar tudo. O pensamento complexo é o pensamento que, equipado com os princípios de ordem, leis, algoritmos, certezas e idéias claras, patrulha o nevoeiro, o incerto, o confuso, o indizível, o indecível. Um grande autor disse o seguinte: “Finalmente, não é impossível que a ciência esteja próxima, desde já, de suas últimas possibilidades de descrição completa. O indescritível, o informalizável estão agora nas nossas portas e é preciso aceitar o desafio.” Esse grande autor chama-se René Thom. (MORIN, 2002, p.231/32).

Os rótulos, as categorizações e enquadramentos podem até facilitar o levantamento e análise de dados, porém, não podem traduzir ou carregar a diversidade, pois não passam de percentuais sem animação. Os números não carregam em si a riqueza e nem dão prova de vida pulsante, inconstante, inquieta, dinâmica. “Promover a educação em favor da vida, da valorização da vida é desenvolver aquela consciência que possibilite ao educando buscar um significado de vida” (VIZZOLTO, 1991, p.60).

A conscientização é, neste sentido, um teste de realidade. Quanto mais conscientização, mais se des-vela a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo. Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em estar frente à realidade assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da práxis, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens (FREIRE, 2008, p.30).

Cabe ressaltar que o despertar e desenvolvimento da consciência do educando exige educador consciente e desperto, pois só assim poderá auxiliar o aprendiz, sobretudo, com o seu próprio exemplo, servindo de estímulo, revelando o quão valioso é o acordar e o desenvolver a consciência para a vida humana sem fragmentação. O processo educacional sob a égide da visão integral e, conseqüentemente, evolução consciente do humano, não se sustenta na reprodução, moldagem ou mera “formação”. Vizzolto (1991, p.17) afirma que “Pais e educadores só podem desestimular o abuso de drogas através do exemplo, da alegria de viver [...], mostrando também que é possível resistir a um certo desconforto, a pequenas dores sem usar a droga como muleta”.

A afeição, o gesto altruísta e a solidariedade são muito importantes nas relações e não seria diferente na educação escolar de nível médio. A consciência é despertada e desenvolvida em terreno propício, não se pode acreditar que num ambiente insalubre (do “salve-se quem puder”), onde o individualismo se mostra (“cada um no seu quadrado”), onde o mais esperto é aquele que se dá bem, pretenda-se irromper a consciência de quem está dando os primeiros passos em direção ao despertar de valores supremos e norteadores de uma vida integral.

A consciência como “chave e bússola” para a ação educativa preventiva reclama, em sentido lato, ambiente salubre, ou seja, espaço, tempo, disposição e convicção do educador de que “[...]ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.” (FREIRE, 1997, p.25). Educar é um processo que inicia de dentro para fora, afinal de contas “Autoconhecimento e auto-realização são a chave da verdadeira educação” (ROHDEN, 2009, p.84).

Menezes (2010, p.140) ratifica tal compreensão ao dizer que “A educação, com a finalidade pedagógica de formar caráter e aperfeiçoar os sentimentos, foi relegada ao mero projeto de instruir, de capacitar apenas para as atividades do trabalho[...]”. Por isso, tem sido difícil a tarefa de educar, de favorecer transformações rumo à autorrealização. Somente

A consciência do mundo e a consciência de si inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca. Na verdade, seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse em tal movimento. É neste sentido que, para mulheres e homens, estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros. Estar no mundo sem história, sem por ela ser feito, sem cultura, sem "tratar" sua própria presença no mundo, sem sonhar sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem idéias de formação, sem politizar não é possível. (FREIRE, 1997, p.64)

Neste viés, inegável é que “A racionalidade vive e se alimenta tanto de incertezas quanto de certezas [...]” (MORIN, 2002, p.230), pois é no movimento inquieto, constante, do “Sentir, pensar e agir com base em valores imutáveis de Leis Universais [...]” (BARRETO, 2012, p.82), que está o alimento para a evolução do ser inconcluso e sabedor da sua condição, por isso, consciente.

1.3 DA PREVENÇÃO AUTOMÁTICA À PREVENÇÃO REFLETIDA

A prevenção, ao longo da história humana, passou por fases, tendo iniciado, em grande medida, com a fiscalização e a repressão, visando inibir a oferta, para que a redução no mercado desfavorecesse o uso das substâncias

psicoativas. Dessa forma, reprimia-se e controlava-se desde o nascedouro até o mercado e o consumo.

Após um processo de amadurecimento da prática preventiva do uso de drogas, devido à avaliação de diversos programas de educação realizados em vários países, avançou-se no sentido de se perceber que a mera informação carregada de preconceitos, de amedrontamento, de moralismo, não era um instrumento eficaz. Por conseguinte, emergiram tendências no campo pedagógico que apregoavam que o mais importante era “[...] investir no encorajamento à auto-realização, à auto-estima, ao desenvolvimento do senso de responsabilidade com relação à própria vida” (BUCHER,1988. P.57).

Charbonneau (1988) declara que a desinformação e o medo não podem ser admitidos quando se falar em prevenção. A lucidez deve servir de guia sempre, de modo que o tratamento dado ao referido tema deve ser objetivo, claro, sem superstições e alardes, pois somente assim a educação preventiva poderá orientar os jovens para a tomada de decisão consciente. As informações, entretanto, segundo Vizzolto (1991), devem ser adaptadas ao grupo, a fim de que se atinjam os objetivos, devendo a escola estar engajada na comunidade e no meio social.

Corroborar Wusthof (1991, p.64) com a visão de que a escola precisa estar sensível e destituída de preconceitos, ao dizer que “não é por falta de conhecimento que as pessoas se tornam usuárias de drogas”, mas tem tudo a ver com a busca do efeito de autodestruição. Esta afirmação é muito forte, pois carrega o desencanto pela vida (tudo que há nela), a falta de perspectiva e de entusiasmo do homem, diante dos inúmeros desafios a que é submetido no decorrer da sua existência, além de denunciar a fragilidade extrema do ser ao se tornar objeto das drogas (estas se personificam; tornam-se objeto fantasmagórico, alegoria da ameaça). Tais aspectos só podem ser percebidos pela escola se esta estiver disposta a encarar a realidade como ela é, sem máscaras ou fugas, exercitando o enfrentamento da unidade na diversidade e a diversidade na unidade, não buscando culpados, mas acreditando que todos são corresponsáveis. Portanto, entende-se que despertar e desenvolver a consciência é a maior função da educação, pois

Na verdade, a consciência pode ser considerada o fio condutor que nos guiará de forma segura na nossa trajetória de vida. Assim considerado, a educação deveria ter como um dos objetivos despertar a consciência do ser humano, lembrando que ela não é dada plenamente manifesta; ela nos é dada como um dom. Mas, para que se manifeste, necessita da nossa capacidade para manifestá-la e esta, por sua vez, depende do nosso desenvolvimento (BARRETO, 2011, p.97).

Ademais,

Enquanto houver no Ser Humano uma distância significativa entre a sua ação, o seu pensamento e o seu sentimento, ou seja, entre o sentir, o pensar e o agir, é evidente que não haverá auto-integração; portanto não haverá autoconhecimento e tampouco autotransformação, mas sim fragmentação. E o que pode produzir um fragmentado, se toda ação produz uma reação igual e em sentido contrário? Assim, não haverá ação criativa, mas sim ação condicionada, esta que nos colocou hoje como estamos: em caos generalizado (Idem, 2005, p.66).

Neste viés, as campanhas, os panfletos, os slogans, as marchinhas de carnaval, as músicas, os filmes... utilizadas pelos órgãos governamentais para prevenir o uso de drogas, mesmo através da mídia, são recursos na atualidade que possuem importância, porém, não fazem a consciência despertar “se lhes falta alma”, se se esgotam em si mesmo, se não estimulam o desejo, a vontade, a capacidade do ser humano de se posicionar diante da vida, do mundo, de sentir, de pensar e de agir. Abrir-se para a vida, ressignificando-a a cada momento, tendo tempo para ser expectador de si mesmo é tarefa que exige estar em si mesmo, integralmente, sentindo, pensando e agindo, o que não se confunde com o recebimento de instruções ou a repetição de chavões, como: “droga: tô fora; droga é uma droga”.

Para que seja possível prevenir o uso de drogas é necessária uma tomada de consciência por parte do indivíduo, como ser humano que é, na condição de agente construtor de uma sociedade que demanda equilíbrio em suas relações sociais. Afinal, a consciência é uma energia potencial humana, de modo que se encontra em “estado de latência”, esperando ações (internas e externas/ objetivas e subjetivas) para ser “despertada, construída e/ou desenvolvida”, assim, servirá ao ser como “chave e bússola” rumo à autointegração, à iluminação e à autorrealização (BARRETO, 2012). A

Consciência tem papel importantíssimo na vida do ser humano, entendendo este como ser em constante modificação/ transformação interna e externa. O homem sofre e provoca transformações, pelo menos, de ordem física e psíquica durante toda a sua existência, não há estagnação. Tudo isso, é de responsabilidade do seu grau de consciência.

No que tange a esse estudo, compreende-se que as ações de prevenção atinentes aos meios educacionais devem ser recursos objetivos que motivam e estimulam o despertar da consciência humana, agindo não só como estratégias preventivas, mas como verdadeiros minimizadores da dependência química constada nas escolas e nas vidas de jovens estudantes. Afinal, esses jovens enquanto seres humanos em pleno desenvolvimento clamam por respostas humanizantes e humanizadoras que os compreendam como sujeitos de seu próprio destino.

1.4 PERCURSO METODOLÓGICO

O trabalho de pesquisa realizado é, “um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais” (LAKATOS; MARCONI, 2003). A linha de pesquisa escolhida para o desenvolvimento deste estudo, pertencente ao mestrado em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social, da Fundação Visconde de Cairu, foi: Educação, Cidadania e Desenvolvimento Humano. A opção metodológica adotada foi o Estudo de Caso descritivo com análise qualitativa, sendo utilizado como instrumento de coleta de dados o questionário.

No que diz respeito ao estudo de caso, refere-se a uma modalidade de pesquisa amplamente usada nas ciências biomédicas e sociais (GIL, 2007), e, neste estudo, foi utilizado, justamente, com a finalidade de favorecer o relevo das nuances e subjetividades do tema em análise sem abrir mão da postura imparcial, necessária para atingir excelência nos trabalhos científicos. Foi dado início ao trabalho em voga pela pesquisa bibliográfica, identificando as leituras realizadas, principalmente, por especialistas das áreas de educação e saúde acerca das drogas, da prevenção, da educação e da consciência, visando integração através da articulação dos referidos institutos. “A principal finalidade

da pesquisa bibliográfica é levar o pesquisador(a) a entrar em contato direto com obras, artigos ou documentos que tratem o tema em estudo” (OLIVEIRA, 2008, p.69).

Alguns estudiosos cederam suas lentes à confecção deste trabalho de pesquisa, de modo que sem a contribuição destes seria impossível verticalizar o estudo com a segurança e destreza realizadas, podendo-se destacar dentre eles: Edgar Morin (2012), Jiddu Krishnamurti (2003), Sathya Sai Baba (2000), Paulo Freire (2008), Maribel Barreto (2012), Tiago Magalhães Ribeiro (2013), Salete Maria Vizzolto (1991), Míriam Abramovay, (2005), Richard Bucher (1988).

O *locus* da pesquisa foi o Colégio Estadual de Ensino Médio X, fundado em 1999, situado na zona urbana, num município da região metropolitana de Salvador, formado por uma população com pouco mais de 33.000 habitantes. Este município do interior da Bahia possui uma área de 288,04km², densidade demográfica de 114,79 hab./km² e com um IDHM de 0,666, o mesmo percentual alcançado pelo estado a que pertence, segundo Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (PNUD, 2013).

O Colégio X é classificado pela SEC-BA como de grande porte e funciona em três turnos. Na cidade não existem escolas particulares de ensino médio, e, apenas, mais um colégio estadual oferece um reduzido número de matrículas para a última etapa do ensino básico. Possui um quadro docente formado por 49 professores efetivos e 02 contratados, com uma média de mil e cem alunos matriculados, no ano 2014. O grupo gestor é formado por cinco profissionais: um diretor, três vice-diretores e uma secretária, sendo que as duas vice-diretoras, também, ministram aulas na unidade de ensino. Não existe coordenador ou orientador pedagógico na instituição. Os alunos são, em sua maioria, adolescentes, pertencentes a classes sociais diversas e moradores das mais diversas localidades do próprio município (e dos circunvizinhos), não sendo possível um traçado específico.

O Colégio Estadual X recebe alunos de escolas públicas situadas no município (ou não), localizadas na zona urbana e na rural, como também, os oriundos de escolas particulares e filantrópicas estabelecidas na mesma cidade ou em municípios próximos. O turno noturno é o mais numeroso, seguido pelo matutino e, por fim, o vespertino. Este último composto por uma quantidade

diminuída de alunos, devido ao número reduzido de matriculados, neste ano, o suficiente para a ativação de 04 salas de aula e nada mais.

1.4.1 Sujeitos da Pesquisa

Os educadores pesquisados são profissionais que têm em média vinte anos de experiência no magistério, sendo 90% do sexo feminino. Todos atenderam aos critérios para participação nesta pesquisa: serem efetivos e terem maior tempo na unidade X. Dentre eles, seis são professores de língua portuguesa; um de matemática; um de biologia; um de história e um de língua inglesa. Dois dos dez profissionais também ocupam a função de vice-diretor do Colégio X, em turno oposto.

Cabe salientar que no momento de aplicação do segundo instrumento de coleta de dados uma das professoras de Língua Portuguesa pesquisada já se encontrava afastada por conta da aposentadoria e, por isso, foi substituída por um professor de geografia, atendendo aos mesmos critérios de seleção dos sujeitos designados pela pesquisadora.

1.4.2 Etapas da pesquisa

Os escritos sobre prevenção do uso de drogas (substâncias psicoativas ou psicotrópicas) no ensino médio não são facilmente encontrados, todavia, sobre drogas e educação há várias pesquisas, projetos, estudos, livros. Escassos, também, são os escritos que abordam de forma direta e específica o desenvolvimento da Consciência como aliada da prevenção ao uso de drogas.

Necessário foi, então, um recorte, a fim de possibilitar as buscas em torno do que importava para a pesquisa científica a ser encampada, isto é, ter exatidão sobre o que se queria tratar. Atentou-se, por isso, que a prevenção, neste estudo, é a que se refere ao uso das drogas psicotrópicas ilícitas, através da educação e que a consciência a ser abordada é a manifestação da identidade profunda do ser humano, a qual o torna único e múltiplo ao mesmo tempo. Delimitou-se, também, que o trabalho preventivo realizado por educadores, a ser estudado, dizia respeito à etapa final do ensino básico, o intitulado ensino médio.

Após determinar e conhecer, um pouco mais, o tema a ser pesquisado, deu-se prosseguimento à pesquisa através da apresentação da pesquisadora a uma representante do grupo gestor do Colégio Estadual X, foi-lhe entregue documento expedido pela coordenação do mestrado em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social, para que obtivesse deferido o trabalho de pesquisa naquele ambiente, a fim de que lhe permitissem acesso aos documentos necessários e atinentes ao estudo científico. Não houve quaisquer dificuldades para atendimento às solicitações da pesquisadora, somente, existiu certa dificuldade em reunir todos os dados (PPP; PDE; Livro de Ocorrências.) solicitados, por causa do número reduzido de funcionários que trabalham na secretaria e da ausência, por tempo indeterminado, do diretor da unidade devido a uma greve enfermidade.

Na sequência, ocorreu a pesquisa documental, a fim de perceber as normativas que norteiam as práticas educativas da unidade de ensino pesquisada – Regimento interno; Estatuto Escolar; Projeto Político Pedagógico; Livro de Registros, objetivando relacionar a política da escola à temática. O acesso à referida documentação teve importância no reconhecimento do perfil da unidade, da sua proposta de ensino, da sua política educacional, dos problemas que lhes são comuns e como são resolvidos. Neste sentido, vale salientar que:

A pesquisa documental trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas. A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (FONSECA, 2002, p. 32).

Neste momento, então, conhecendo o tratamento dado ao tema pelos especialistas e perfilando o campo onde aconteceria a pesquisa, iniciou-se a elaboração de trinta questões objetivas e uma subjetiva, as quais comporiam o questionário misto (Apêndice C). Este instrumento de coleta foi testado por seis professoras de um colégio público que atende a um público do ensino fundamental II e do situada no mesmo município do colégio estadual X. Os

professores que participam do pré-teste não demonstraram embaraço ou dificuldade em interpretar cada questão.

Com a ajuda de uma gestora, uma vice-diretora, foram selecionados dez professores considerando os seguintes requisitos: vínculo trabalhista efetivo e maior tempo de serviço na unidade escolar. Em seguida, os professores foram contatados e o convite realizado, tendo sido explicados os objetivos, a relevância da pesquisa e a importância da colaboração de cada um. Em sequência, foram entregues os questionários aos professores, que se encontravam na própria escola, para serem recolhidos no dia e hora aprazados. O termo de consentimento livre e esclarecido foi assinado por todos os respondentes, sem qualquer resistência ou dúvida.

No que diz respeito ao instrumento de coleta número 1 (Apêndice C), quase todos os pesquisados cumpriram o prazo de entrega, somente um deles renovou o prazo por não ter encontrado tempo, dentro dos seus afazeres, para responder as questões. Todas as questões objetivas foram respondidas pelos profissionais participantes desta pesquisa, não tendo acontecido o mesmo com a única questão subjetiva, a qual só obteve resposta escrita de 80% dos respondentes. Entretanto, ainda que dois entrevistados tenham deixado em branco a 31ª questão, pôde-se depreender que a resposta encontrava-se, justamente, nas linhas em branco: não tinham o que escrever para tal questionamento – não existia o que relatar.

O instrumento de coleta número 2 (Apêndice E), cumpriu com as etapas descritas nos parágrafos anteriores, assim como pode contar com a solicitude dos pesquisados, porém foi necessária uma maior diligência por parte da pesquisadora, a fim de obtê-los, em tempo, para serem analisados. A maior parte dos pesquisados, cerca de 80%, não cumpriu o aprazado. Ainda assim, todas as questões foram respondidas, sendo que 70% até mesmo extrapolaram, pelo menos em uma das questões, o número de linhas disponíveis para resposta.

1.4.3 Instrumentos de pesquisa

Para a geração dos resultados foram aplicados dois questionários – um misto e outro aberto, porquanto se trataram de recursos para “obtenção de

informações sobre sentimentos, crenças, expectativas, situações vivenciadas e sobre todo e qualquer dado que o pesquisador(a) deseja registrar para atender os objetivos de seu estudo”. (OLIVEIRA, 2008, p.83).

O primeiro questionário aplicado foi de tipo misto (Apêndice C), o qual conteve seis categorias, abrangendo conjuntos de questões com utilização da escala de Likert. Essa escala foi utilizada para expor a abordagem qualitativa, tendo sido adequada uma vez que considerou o contexto do fenômeno sob estudo. As assertivas foram respondidas dentro de uma escala entre 1 (concordo totalmente) e 5 (discordo totalmente), sendo que a opção 3 trouxe opção indiferença, e as 2 e 4, respectivamente, indicaram concordo e discordo, representando uma situação intermediária de convencimento, mas não de convicção profunda.

A partir da análise dos resultados foram estabelecidas as seguintes categorias:(1) comprometimento com o tema; (2) visão do educador; (3) indicadores do problema; (4) ações desenvolvidas; (5) educador em sala de aula e (6) percepção da prevenção.

Os resultados encontrados (Apêndice D) promoveram o mapeamento da realidade que se desejou evidenciar, mas não retiraram o perfil qualitativo da pesquisa, uma vez que aqueles foram interpretados para além das alternativas sugeridas em cada questão, observando toda a conjuntura a que a pergunta se referia. A 31ª questão, a última, desse instrumento de coleta de dados, foi discursiva e pretendeu identificar através do relato dos professores as suas práticas educativas em sala de aula ou projetos interdisciplinares executados sobre prevenção de drogas.

O segundo questionário aplicado (Apêndice E) foi de tipo aberto, contendo três questões, todas versando sobre consciência, objetivando abordar e obter, de forma mais específica, a concepção dos profissionais sobre a consciência, fazendo-os pensar e se posicionar acerca prevenção a partir da subjetividade/do íntimo de cada ser. Este instrumento de coleta facultou ao professor expressar-se de forma mais livre acerca do despertar e desenvolvimento da consciência na prevenção do uso de drogas. Portanto, adotou-se para a análise dos dados coletados uma única categoria – Consciência e Prevenção.

Ressalta-se que no tocante às questões discursivas (uma única no primeiro questionário (Apêndice C) e três no segundo (Apêndice E)), as suas respectivas respostas (ou fragmentos) foram utilizadas “na íntegra”, a fim dar um tom dinâmico, vivo, às falas dos educadores. Cabe salientar que as transcrições foram feitas *ipse litteris*. Todos os procedimentos até então descritos facilitaram sobremaneira o processo de interpretação de dados pela pesquisadora, além de orientar o leitor a uma melhor compreensão dos aspectos considerados relevantes neste estudo.

1.5 RESULTADOS E DISCUSSÃO: UM RETRATO DA PRÁTICA EDUCATIVA PREVENTIVA DO USO DE DROGAS

O Colégio X parece, num olhar superficial, ser mais um colégio brasileiro, daqueles que são noticiados em jornais e telejornais nos últimos anos, devido ao drama vivido pelos educadores e educandos, drama este causado pela insegurança, ausência de manutenção de equipamentos, escassez e ausência de pessoal em alguns setores, uso e tráfico de drogas no ambiente escolar. Contudo, existem aspectos peculiares do Colégio X: unidade escolar com apenas quinze anos de funcionamento; atende, atualmente, somente, ao ensino médio; educandos de classes socioeconômicas diversas; professores experientes; índice alto de reprovação; índice alto de abandono.

O Regimento Escolar do Colégio X é igual ao de todas as unidades escolares integrantes do Sistema Público Estadual de Ensino, tendo sido instituído em julho de 2011. Tal documento dispõe sobre os princípios, finalidades e objetivos, além regradar o funcionamento e composição de toda organização administrativa e didática, regrado, ainda, a convivência escolar e as entidades ou associações especiais da unidade escolar.

A unidade escolar conta com uma ferramenta gerencial que tem por objetivo auxiliar a escola na realização do seu trabalho, a fim de melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem: o PDE. Todavia, o Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE) foi elaborado em 2001, não tendo sofrido quaisquer alterações ao longo dos anos. Na época da sua criação, o Colégio X ainda atendia ao ensino fundamental II e oferecia o curso de magistério, além da formação geral.

No campo referente à identificação das causas dos problemas priorizados pelo Colégio X, para serem “combatidos” através de ações, compôs o PDE as seguintes: “falta de equipamentos para dinamizar as aulas; metodologia inadequada; falta de livros para pesquisa; alunos com dificuldade de leitura e escrita; ausência dos pais na escola; baixa autoestima dos alunos; falta de materiais adequados para elaboração de projetos; aparência da escola necessitando de pintura; falta de livros específicos; falta de atividades culturais para alunos; aulas desinteressantes; falta de equipamentos de auditório para realização de oficinas [...]”. Diante deste extenso rol, foram selecionados dois problemas: a reprovação e o abandono.

O Colégio X possui, ainda, um Projeto Político Pedagógico (PPP) que data ano 2000, não tendo passado, desde a sua criação, por qualquer revisão até o final deste trabalho de pesquisa. Naquele período a escola ainda recebia alunos do fundamental II, além do ensino médio. Está explícito, no referido documento, que a sua finalidade é nortear o serviço educacional que a escola oferece. A lei de Diretrizes e Bases da Educação nº9394/96 e os Parâmetros Curriculares do Ensino Médio foram alguns dos documentos que serviram de base para elaboração do Projeto Educacional, o qual contou com a participação de alunos, professores, funcionários e pais de alunos.

No PPP 2000, está registrado o propósito de se realizar um trabalho dinâmico e criativo que desenvolva as potencialidades do educando, como também a sua capacidade analítica e crítica com vistas à formação de cidadãos comprometidos com a construção de uma sociedade mais humana. No espaço reservado à justificativa, houve destaque das dificuldades encontradas na escola, sendo estas de ordem físico/material (falta de recursos didáticos); dificuldades pedagógicas (desinteresse dos alunos; conteúdos dissociados da realidade dos alunos; falta de participação ativa e efetiva dos pais na vida escolar do aluno (e na escola)); inexistência do Serviço de Orientação Educacional (SOE); dificuldade no relacionamento professor X aluno.

Verifica-se, hoje, após quinze anos, que as conquistas materiais, em grande parte, foram alcançadas, entretanto, as dificuldades pedagógicas parecem ter subsistido *in totum*, ou pior, se acentuado. Foi possível identificar, nas respostas dos professores pesquisados, todos com 14 ou 15 anos de

experiência no Colégio X, a presença do medo e da impotência frente à realidade por eles enfrentada no cotidiano escolar - a presença das drogas. Os professores apesar de não se sentirem preparados para realização da prática educativa preventiva, revelaram que a prevenção é o caminho seguro para afastamento do estudante das substâncias psicoativas.

Os educadores pesquisados são profissionais que têm em média vinte anos de experiência no magistério, sendo estes, em sua maioria, do sexo feminino. Todos atenderam aos critérios para participação nesta pesquisa: serem efetivos e terem maior tempo na unidade X. Dentre eles, seis são professores de língua portuguesa; um de matemática; um de biologia; um de história e um de língua inglesa. Dois dos dez profissionais também ocupam a função de vice-diretor do Colégio X, em turno oposto.

O questionário misto aplicado (Apêndice C), primeiro instrumento de coleta de dados, foi iniciado pela categoria *Comprometimento com o tema*, esta teve por finalidade perceber o grau de implicação do professor para com o assunto Droga, assim, da mesma forma, o envolvimento da coordenação e da administração escola quando o assunto é drogas no ambiente escolar.

Neste tópico inicial foi identificado que, pelo menos, 50% dos educadores não se sentem preparados para desenvolver o tema drogas na sala de aula, contudo 40% contrariam a metade dos respondentes. Apesar de uma diferença pequena entre as duas alternativas – concordo e discordo – insurgem mais 10% revelando que concordam totalmente. Assim, 60%, a maioria dos pesquisados, revelam o despreparo para lidar com o já citado assunto.

No que se refere ao trabalho com o tema Drogas, 70% trabalham com leituras, pesquisas, seminários etc. enquanto os 30% restantes não realizam atividades sobre o tema, como se pode constatar no gráfico abaixo.

Trabalho com o tema Drogas através de leituras, pesquisas, seminários etc.



Figura 1 – Percentual de docentes que utilizam recursos para prevenção ao uso de drogas

No que diz respeito à estrutura administrativo-pedagógica do colégio X para dar suporte às ações de prevenção, verificou-se que a referida unidade escolar carece deste tão importante e necessário apoio. Esta constatação se fez de forma bastante clara, pois 80% dos pesquisados discordaram da existência de lastro/ condição da unidade de ensino em face da concordância, apenas, 20% dos respondentes. Os professores revelam não serem oferecidos cursos, periodicamente, objetivando prepará-los para o trabalho acerca do tema Drogas. Isto justifica, pelo menos em parte, o sentimento, da maioria dos educadores, de despreparo para abordar o assunto, porém, discrepa da resposta de 70%, já mencionados, que afirmam trabalhar com leituras, pesquisas, seminários etc.

A contradição identificada nas respostas acima descritas, faz surgir a seguinte indagação: “Como os educadores podem não se sentir preparados, não ter suporte administrativo-pedagógico e, mesmo assim, realizar um trabalho educativo sobre o tema Drogas?”

Outrossim, o gráfico a seguir faz coro e fortalece a supracitada indagação, ao informar que não há por parte da administração, coordenação e docentes uma postura ocupada e comprometida para com as práticas pedagógicas de prevenção às Drogas. Assim, depreende-se que as ações realizadas pelos educadores tendem a se tornar ineficazes, ineficientes e inexpressivas.

Há por parte da administração, coordenação e docentes uma postura ocupada e comprometida para com as práticas pedagógicas de prevenção às Drogas.



Figura 2 – Percentual de ocupação e comprometimento da administração, coordenação e docentes com a prevenção ao uso de drogas.

Ainda no sentido da falta de respaldo, 60% acreditam que a unidade escolar não está preparada para tratar do tema Drogas em oposição a 40% que confiam na preparação do colégio X. Há, entretanto, uma discordância entre os professores, na mesma proporção, de 50% para 50%, quando se refere ao interesse da direção escolar em resolver os problemas causados pela presença das drogas no ambiente escolar.

Na categoria *Visão do Educador* pretendeu-se conhecer como o educador compreende a questão das Drogas no ambiente escolar, se estão sensíveis ao tema de modo que houve total concordância quando os respondentes se posicionaram acerca de como entendem o uso de drogas ou a dependência química. Observe-se:

Entendo o uso de Drogas ou a dependência química como um problema derivado de vários fatores, como: desestrutura familiar; miséria; depressão...



Figura 3 – Percentual de docentes que acredita no uso de drogas como um problema multifatorial.

Verifica-se que todos os respondentes acreditam que o uso de drogas se trata de um problema multifatorial, não recaindo sobre um único motivo, não justificando a dependência química exclusivamente a um único fator. Tal postura é partilhada por estudiosos, os quais afirmam que “Nunca existe uma razão única, a questão precisa ser encarada de modo multifatorial, enfocando a personalidade do indivíduo, a droga em si e os aspectos socioculturais.” (WUSTHOF, 1991, p.60), ressaltando-se que “[...] a preocupação não deve ser a droga em si, mas sim os motivos que desencadeiam a mantêm o problema, os motivos estes que estão todos interligados.” (VIZZOLTO, 1991, p.56).

[...] Isso significa que abandonamos um tipo de explicação linear por um tipo de explicação em movimento, circular, onde vamos das partes para o todo, do todo para as partes, para tentar compreender um fenômeno. Por exemplo, a elucidação do todo pode ser feita a partir de um ponto especial que concentre em si, num dado momento, o drama ou a tragédia do todo[...]. (MORIN, 2002, p.182)

Nesta mesma categoria, 80% dos educadores compreendem que as turmas revelam comportamentos diferentes ao tratar do tema Drogas. Somente 20% discordam de uma postura diferenciada por parte dos discentes ao abordarem o referido tema. O que é ratificado pela resposta que os educadores deram à questão de número 10, quando 100% dos pesquisados afirmam que há alunos que demonstram medo ao falar sobre as drogas.

Há alunos que demonstram medo ao falar sobre as drogas.



Figura 4 – Percentual sobre o sentimento de medo dos alunos ao tratar das drogas.

Infere-se, por isso, que o comportamento diferente (a que se refere a questão 9) apresentado pelas turmas ao tratar do assunto drogas, provavelmente, ocorre através de manifestações, como: indiferença, silêncio, pronunciamentos evasivos, troca de olhares, rispidez...

Há por parte de 70% dos professores o entendimento de que a proibição do uso de drogas não serve de estímulo aos estudantes, de modo que somente 30% acreditam que a referida proibição surte efeito contrário desafiando os estudantes ao uso. Assim, as aulas sobre prevenção do uso de drogas devem, conforme respondentes, ser mais significativas para a vida do aprendiz e menos doutrinárias e catequizadoras. Esta visão é compartilhada por 100% dos professores, conforme o gráfico que segue.

As aulas sobre prevenção do uso de drogas devem ser mais significativas para a vida do educando e menos doutrinárias e catequizadoras.

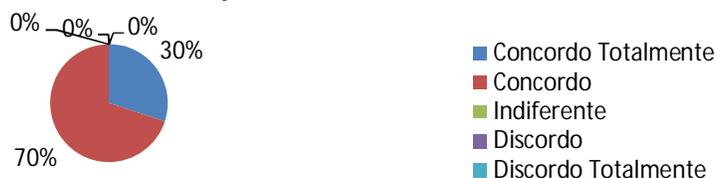


Figura 5 – Percentual sobre a significância das aulas de prevenção do uso de drogas.

A terceira categoria trata dos *Indicadores do problema*, de modo que se pretendeu sinalizar o que leva os educadores a nomear as Drogas como um problema dentro do ambiente escolar.

Ab initio foi identificado na resposta de 80% dos respondentes terem conhecimento de professores que têm medo de tratar com os alunos sobre as Drogas. Este sentimento foi ressaltado na categoria anterior, porém se referiu aos alunos no momento da abordagem do tema. Agora, é possível afirmar, que o medo é partilhado por docentes e discentes quando trabalham com o mencionado tema, sendo complicado imaginar a convivência do prazer de aprender, imprescindível à educação, e o sentimento de medo. Assim, num ambiente onde o medo se faz presente é difícil, ou mesmo, improvável, pensar em aprendizagem.

Neste ambiente, certamente, sacrifica-se a atividade educativa, inviabilizando-a, pois o sentimento que se faz presente nas pessoas é, segundo o *Novo dicionário Aurélio da Língua portuguesa* (2009), “Sentimento de grande inquietação ante a noção de um perigo real ou imaginário, de uma ameaça; susto, pavor, temor, terror”.

Conheço professores que têm medo de falar sobre as Drogas com seus alunos.



Figura 6 – Percentual de docentes que teme tratar sobre drogas com alunos.

É ratificado o sentimento de medo, quando 80% dos pesquisados afirmam que se sentem incomodados ao tratar da prevenção do uso de drogas em salas onde há alunos suspeitos de envolvimento com substâncias psicoativas. Contudo, importa analisar o gráfico abaixo, a fim de perceber que não é a maioria, mas existem alunos que se mostram bastante à vontade em tratar do assunto e até declaram o uso ou a dependência química.

Alguns alunos se mostram bastante à vontade quando o tema é Drogas e, até mesmo, revelam o uso ou a dependência química.

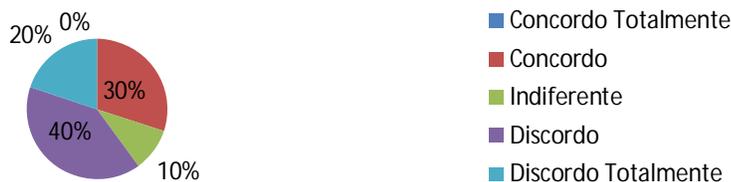


Figura 7 –Percentual sobre o comportamento dos alunos quando tratam do tema drogas.

A proximidade com as drogas ou convívio em ambiente onde as substâncias psicotrópicas são manipuladas, certamente, leva alguns estudantes a encarar com tamanha naturalidade o uso ou a dependência, fazendo com que transitem normalmente, sem pudores ou constrangimentos, expressando-se sobre um “lugar comum”.

Apesar de o medo ter sido detectado como sentimento dos docentes, quase todos eles, 90%, afirmaram não ter sofrido ameaças por parte de alunos no exercício da profissão, devido à proximidade desses com as drogas. Assim, infere-se que as drogas não têm gerado violência verbal, nem tampouco física, no ambiente escolar. Contudo, não se exclui a possibilidade, ou a iminência, uma vez que o medo é o sentimento presente no colégio X, experimentado por professores e, também, por alunos. Salienta-se que 80% dos professores já tomaram conhecimento do repasse de drogas no ambiente escolar, de modo que, além da suspeita de uso, há fortes indícios do tráfico no ambiente escolar.

Já tomei conhecimento do uso ou repasse de Drogas no ambiente escolar.



Figura 8 – Percentual sobre uso e tráfico de drogas no Colégio X.

Assim, o ambiente privilegiado da escola, onde as trocas deveriam enriquecer o ser, fazendo-o compreender a si e o mundo que o cerca, desalienando-o, libertando-o, a fim de que alce voos rumo ao seu desenvolvimento integral, este ambiente, tão definido pelos manuais e

compêndios acerca da educação e do magistério é invadido por substâncias que agem diretamente sobre o sistema nervoso central, fazendo com que os seres fujam da realidade educativa que lhes apresentam.

A 18ª questão “O aluno dá sinais de que as Drogas fazem parte de sua vida.” obteve como maior parte das respostas a alternativa concordo, apenas 10% discordou e os outros 10% assinalou indiferente. Assim, verifica-se que o professor se mostra sensível aos sinais apresentados pelos educandos, ainda que haja engano na interpretação, observa-se a atenção dos professores para com o comportamento do discente.

A quarta categoria diz respeito às *Ações Desenvolvidas* pelos educadores em sala de aula, visando assinalar as práticas adotadas em prol da prevenção do uso de Drogas. Pôde-se detectar que, apenas, 10% dos pesquisados desenvolvem projetos contínuos de prevenção do uso de drogas, sendo 20% indiferente, todavia a maioria, 70% dos pesquisados, explicita que não realiza projetos, como se vê no gráfico abaixo.

Desenvolvimento de projetos contínuos de prevenção do uso de Drogas.

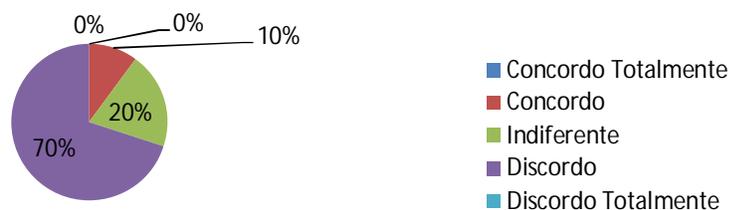


Figura 9 – Percentual de docentes que desenvolvem projetos contínuos sobre prevenção do uso de drogas.

Apesar de ser possível dizer que não há, praticamente, projetos contínuos de prevenção do uso de Drogas, 40% dos respondentes dizem, na vigésima questão, utilizar estratégias didático-pedagógicas contemporâneas para tratar da prevenção do uso de Drogas, sendo que 60% fortalecem o coro da ausência de práticas preventivas do uso de drogas.

Vale salientar que

As vivências dinâmicas são consideradas as estratégias mais adequadas para educação e prevenção do abuso de drogas, são procedimentos como oficina, simulação, debate, discussão, diálogo, dinâmica de grupo, jogo dramático, dramatização. Numa abordagem ativa, determinados eixos pedagógicos são

levados em consideração, como: o desenvolvimento de atitudes autônomas, o desenvolvimento da competência social, a promoção da afetividade, a promoção do autoconhecimento, a integração corpo / mente / espírito (FONSECA, 2006, p.78).

A importância de fazer valer o diálogo em sala de aula também foi demonstrada nas respostas de 70% dos pesquisados contrastando com 30% que acreditam que aulas expositivas (professor expõe) sobre Drogas contribuem mais do que aulas dialogadas (professor e alunos interagem). Dessa forma, então, ainda se encontram ranços de um ensino tradicional, professor detém a palavra exercendo uma espécie de “poder”. Indícios de uma prática pedagógica conteudística em detrimento de um processo educativo democrático. A minoria dos pesquisados, portanto, parece ignorar que a “Educação não significa o simples conhecimento dos livros e a intimidade com eles. Se nos concentrarmos no conhecimento teórico em detrimento da aplicação prática, estaremos danificando o nome da própria Educação” (JUMSAI, 2000, p.13). Portanto, é preciso haver espaço para o estudante inquirir, criar e construir, pois não lhe cabe o papel de mero espectador.

O entendimento do aluno como “tábula rasa” ainda perdura na visão da minoria dos professores, os quais inobservam a importância da interação no ambiente escolar, do direito à palavra, à expressão, do aprendiz, colocando-o na posição de receptores do conhecimento e não de construtores dele.

Auxiliar o estudante a fazer escolhas saudáveis significa, para além da oferta de informação e de conhecimento, o estabelecimento de relações vinculares saudáveis entre todos os da comunidade escolar. A autonomia implica a possibilidade de reconstrução dos sentidos da vida pelos sujeitos e essa resignificação assume importância no seu modo de viver. (BRASIL, 2012, p.62)

Atividades escritas são valoradas por 60% dos pesquisados como instrumento que contribui de forma significativa à prevenção do uso de drogas, todavia, 40% discordam, como se vê no gráfico abaixo.

Exercícios escritos são bastante significativos na prevenção do uso de Drogas, contribuindo para a convicção do aluno sobre os seus malefícios.

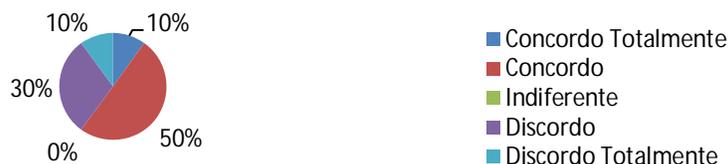


Figura 10 – Percentual acerca da significância dos exercícios escritos para a prevenção do uso de drogas.

Restaram comprovadas que as ações dos educadores em relação à prevenção do uso de drogas são incipientes, podendo-se aferir tal dado devido às evidências acerca da quase inexistência de projetos contínuos, de, apenas uma minoria utilizar estratégias didático-pedagógicas para tratar da prevenção do uso e Drogas. É possível compreender, também, ainda que seja expressão da minoria, a grande importância às aulas expositivas, em detrimento de ações horizontalizantes, onde professores e alunos se encontrem atores e sujeitos ao mesmo tempo.

O reconhecimento dos exercícios escritos pela maioria dos entrevistados, também, é aspecto relevante ao considerar que a educação escolar não se resume a lápis e papel, de modo que a superposição em que este instrumento é colocado pode levar ao entendimento de que se tem olvidado de outras práticas, talvez, mais interessantes, atrativas e significativas para a prevenção do uso de drogas. Assim, urge saber que “O único instrumento válido é uma pedagogia humanizante [...] Dentro de uma pedagogia humanizante, o método deixa de ser instrumento com o qual os professores – líderes revolucionários – podem manipular os alunos (os oprimidos), por julgarem que são a consciência dos mesmos” (FREIRE, 2008, 100).

No intuito de aprofundar ainda mais a compreensão de como se trabalha a prevenção do uso de drogas em sala de aula no Colégio X, emerge a quinta categoria, *Educador em sala de aula*, a fim de reconhecer como se dá, na prática, atividade educativa preventiva, segundo as impressões do professor.

Primeiramente, pode-se registrar que somente 40% dos respondentes atingem os objetivos previstos quando ministram aulas sobre a prevenção do uso de drogas. Dos 60% restantes, 40% não atingem e 20% é indiferente. Estas respostas podem construir o entendimento de que não há como atingir objetivos sobre o que não desenvolve, isto é, não acontecem aulas sobre prevenção, podendo isso ser ventilado, uma vez que se identificou, pelo menos, nos dados já analisados até o momento, o medo em se tratar do assunto drogas e quase ausência de projetos contínuos sobre o tema no Colégio X. Assim, também, 100% dos respondentes acreditam que o tema prevenção do uso de Drogas requer cuidado e atenção por parte dos docentes.

Há também unanimidade por parte dos pesquisados ao responderem que a interdisciplinaridade deve acontecer para que a prevenção do uso de Drogas se dê de forma segura. Isto repercute positivamente, pois

A interdisciplinaridade não dilui as disciplinas, ao contrário, mantém sua individualidade. Mas integra as disciplinas a partir da compreensão das múltiplas causas ou fatores que intervêm sobre a realidade e trabalha todas as linguagens necessárias para a constituição de conhecimentos, comunicação e negociação de significados e registro sistemático dos resultados. (BRASIL, 2000, p. 89)

Observe-se:

A interdisciplinaridade deve acontecer para que a prevenção do uso de Drogas se dê de forma segura.



Figura 11 – Percentual de importância da interdisciplinaridade para a prevenção ao uso de drogas.

Então, nota-se, um consenso entre os profissionais acerca da necessidade do diálogo entre as disciplinas, favorecendo a prática educativa preventiva do uso de drogas como um assunto comum, que faz parte da prática

de todos os educadores, independentemente, da disciplina que leciona, desconstruindo a ideia de que cabe somente aos professores de ciências e biologia o desenvolvimento da prática pedagógica comprometida com a prevenção. Esta constatação torna-se ainda mais significativa quando se percebe que todos os educadores revelam que se sentem, em alguns momentos, impotentes ao abordarem os males causados pelas drogas.

Vê-se que a prevenção realizada de forma solitária por um ou outro professor se torna ainda mais difícil quando o foco é apontar os males, uma vez que as drogas não são objeto de atração por serem males, mas, sobretudo, pelo prazer, ainda que momentâneo, que promovem ao ser humano que as procuram.

Neste sentido, trabalhar com o tema em questão, que merece cuidado e atenção, sem contar com uma “rede” entre as disciplinas, de forma solitária (cada educador desenvolvendo a sua prática), causa impotência e talvez até paralise o educador, pois falar de prevenção do uso de drogas quer dizer falar de vida, de morte, de vício, de política, de trabalho, de afeto, de desejo... Assim, não se aborda esse tema sem o conhecimento, a sensibilidade e o respeito exigidos pelo próprio conteúdo, o qual se personifica muitas vezes nas práticas do nosso dia a dia, revelando-nos como uma vez usuários ou, talvez, ainda usuários e/ou dependentes. Numa reflexão,

[...] se admitirmos que cada humano consumirá essa ou aquela droga, na medida de suas necessidades subjetivas e sociais. Não são as drogas que fazem os humanos – já foi dito; são os humanos que fazem as drogas ou, se dissermos de outro modo, em função dos buracos/faltas que constituem a estrutura de nossas histórias. Alguns de nossos filhos terão pequenos espaços para as drogas em suas vidas; outros filhos nossos encontrarão mais facilmente nas drogas a possibilidade de suportar o horror da exclusão pelo nascimento. Entre uma história e outra, há todas as possibilidades – a vida é *mobile*. Nossos nascimentos não são garantias inelutáveis de destino, mas portam a semente do que poderemos ser. Nesse sentido, o uso de drogas será, sempre, indiscutivelmente, uma questão humana. (NERY FILHO, 2012, p.20)

Acredita-se, então, que o professor não deseja, e nem deve, catequizar os alunos, mas sim, fazer leituras junto com estes sobre as drogas e tudo que possa interessar acerca delas, para que os aprendizes elaborem as suas

próprias impressões e significados, contribuindo ao processo de humanização crescente do ser em desenvolvimento.

A última categoria do questionário misto, refere-se à *Percepção da Prevenção*, isto é, pretende apontar o que os educadores percebem como aspectos e mecanismos relevantes à efetivação da prevenção do uso de drogas, assim como visa saber se os respondentes creem, se confiam, na prevenção como ação para “afastamento” dos educandos das drogas.

O esporte é encarado por 80% dos respondentes como uma opção para a prevenção do uso de Drogas no colégio X. Dessa forma, atividades que ultrapassam a sala de aula e exigem do aluno um movimento de integração mente e corpo mostram-se como aliadas na atividade preventiva.

90% dos professores atribuem à desestrutura familiar a responsabilidade pela presença das drogas na vida dos educandos, havendo discordância de apenas 10% dos pesquisados. Indubitavelmente, a família tem um papel importante na vida de toda e qualquer pessoa, independentemente, do formato que ela possua, seja formada pelos pais e filhos; pela mãe e filhos; pelo pai e filhos; pelos tios e sobrinhos... o importante está no sentimento de acolhimento, no “abrigo seguro”, na certeza de que não se está sozinho, tudo isso, é transmitido por pessoas fortalecidas pela comunhão.

Consoante Bucher (1988, p.53), “O usuário ou dependente de drogas sempre vive em conflitos intensos em seu ambiente familiar”. A instituição familiar desestruturada faz seus reflexos na vida do aprendiz e o uso de drogas é um meio de fuga da realidade dura e infeliz vivida dentro do seio familiar pelo usuário ou dependente. “A principal ferramenta do acolhimento é a escuta sensível do educando, identificando suas reais demandas, ou seja, descobrindo o que ele precisa e o que ele espera como ajuda.” (BRASIL, 2012, p.185).

Junto à falta de estrutura familiar está, na percepção dos professores do colégio X, a condição socioeconômica, de modo que as privações, o não saber lidar com limitações ou dificuldades materiais, a falta de oportunidades, a invisibilidade de vidas que são vítimas constantes de problemas sociais, como: falta de segurança; injustiça; saúde pública precária; educação “fragmentada”... aparecem como aspectos relevantes à aproximação do estudante ao mundo das drogas. Observe-se:

Verifico que os alunos que se mostram envolvidos com as Drogas pertencem a uma situação socioeconômica menos favorecida que precisa de acolhimento.



Figura 12 – Percentual sobre a condição socioeconômica dos alunos envolvidos com drogas.

Enfim, a prevenção irrompe como o meio e instrumento seguro para os professores do colégio X, como pode ser constatado:

Creio que a prevenção é o caminho mais seguro para que haja o afastamento dos estudantes das Drogas.



Figura 13 – Percentual de professores que confiam na prevenção do uso de drogas.

Desta forma, entende-se que o exercício da prevenção escolar ao uso de drogas possui no seu nascedouro o germe da consciência, a qual convoca e incita o ser autônomo a se manifestar, sem estar atrelado à repetição ou imitação. Daí concluir os educadores que a prevenção é o caminho seguro, pois tanto promove o afastamento-distância quanto o afastamento-desejo, fazendo o ser decidir pelo que contribui para a sua libertação.

As evidências dos sujeitos dessa pesquisa ratificam esse entendimento ao ser analisada a categoria única, do questionário aberto (Apêndice E), Consciência e Prevenção, a qual teve como finalidade identificar a concepção dos professores sobre consciência e verificar o que pensam sobre a

contribuição do despertar e desenvolvimento da consciência para prevenção.

O entendimento dos pesquisados sobre a Consciência foi registrado por estes de diversas formas, porém todas elas se completaram, não havendo postura excludente ou de negação, podendo-se destacar as seguintes: “capacidade de escolher, de decidir, responsabilmente”, “autoconhecimento”, “percepção ampla”, “capacidade de enxergar a realidade”, como se verifica nas respostas da maioria dos pesquisados. Assim, Consciência

É o julgamento dos próprios atos, ou melhor, a percepção do que se passa em nós. (A)

Na minha visão consciência é quando o indivíduo toma conhecimento do que ele realmente é para o mundo e o que o mundo representa de fato para ele. Assim sendo, a consciência traz o indivíduo à luz das suas ações e das consequências dessas ações para si e para o mundo. O indivíduo para ser consciente, tem antes que ser autoconsciente. (B)

Para mim, consciência é algo que só a própria pessoa é capaz de trazer à tona. Consciência seria a percepção da existência do ser como capaz de tomar decisões, levando em conta suas consequências. É assumir-se como sujeito e objeto de suas ações. (C)

É a capacidade que nós, seres humanos, temos de enxergar a realidade a nossa volta. (D)

A noção de estímulos de uma pessoa, noção das ações ou sentimentos no momento de sua execução. A consciência está ligada ao sentido de dever e moralidade. (E)

Domínio dos aspectos que envolvem a própria existência do ser social, portanto, a apropriação que o homem constitui dos seus sentimentos, percepções e ações, tendo em vista a relação consigo e com o outro na realidade em que está inserido. (F)

Nota-se que são diversas as definições atribuídas à consciência, porém, há como ponto comum entre elas, justamente, a capacidade que o ser humano tem de se perceber capaz, “senhor de si mesmo”, responsável pelas suas ações e posicionamentos. A consciência ganha “forma” de empoderamento, capacidade de se autodeterminar. Neste sentido, a consciência é fonte necessária à prevenção, pois o essencial desta, segundo Charbonneau(1988), não consiste em batalhar contra elementos externos, mas

sim, educar para a liberdade, para a escolha de forma consciente, ajudando os seres humanos a tomarem as melhores decisões diante da vida.

Orientar o estudante a ponto de que ele se sinta fortalecido e convicto de suas escolhas é, sem dúvida, função que deve ser perseguida pelo Colégio X, o qual afirma ter “como prioridade ajudar na formação de cidadãos críticos e reflexivos, eticamente corretos e comprometidos com o desenvolvimento de uma sociedade mais justa” (PPP, 2000), para tanto, certamente, faz-se necessário despertar e desenvolver a consciência do estudante. Afinal, “Educar é eduzir de dentro do homem os valores humanos.” (ROHDEN, 2009, p.49), saindo de cena o verbo formar para dar espaço ao verbo fomentar, pois o professor não molda, não usa fôrmas, mas, sobretudo, incentiva e estimula posturas, atitudes, ações.

Não é demais afirmar, então, que a consciência é para o ser humano “tanto bússola quanto mapa” (BARRETO, 2005, p.66), haja vista ser ela a fonte imorredoura da autotransformação humana, uma vez que nela repousa toda a sabedoria necessária para o aprimoramento humano. Assim, reconhecendo a singularidade da consciência na vida humana, é que Rohden (2009, p. 31) assevera que “Somente um homem educado pela consciência dos valores é que pode servir de pedra fundamental da harmonia social e da paz mundial [...]”. Daí ser impossível imaginar práticas educativas preventivas descomprometidas com o despertar da consciência do ser humano, sem ocupação com a autoeducação, a autorrealização do aprendiz.

Os professores do Colégio Estadual X registraram a compreensão acerca do despertar da consciência, explicitando que este favorece a inserção do ser no mundo, de forma pensante e autônoma. Os pesquisados utilizaram expressões para traduzir o despertar da consciência, como: “ação lúcida”; “senso de responsabilidade”; “tomada de posição”; “transformação de informações em conhecimento”; “intensa reflexão”; “sensibilidade diante da vida”, como se pode constatar:

O despertar da consciência acontece a partir do desenvolvimento e da maturidade da razão isto é, agir com lucidez e senso de responsabilidade. Ser consciente significa ser e estar dedicado ao próximo. (A)

Compreendo o despertar da consciência como um despertar para o mundo real e para todas as situações nele existentes. Antes disso, o homem

vive como o homem da caverna de Platão num mundo irreal, ilusório, sem ter noção de seus atos e dos atos alheios. (B)

O despertar da consciência seria a tomada de posição diante do que está posto. É saber dizer não e perceber o que pode ser bom ou ruim para sua vida. É ter projeto de vida e traçar metas para atingir seus objetivos. (C)

É o momento que alguma coisa ou situação chama a nossa atenção, incomodando e levando-nos a uma intensa reflexão. (D)

Para existir esse despertar da consciência é necessária uma participação efetiva das mudanças que ocorrem no meio em que vivemos. E se apropriar das informações do espaço e transformá-la em conhecimento. (E)

Quando o homem se torna mais sensível para conduzir a sua vida, administrar seus problemas, ver com mais clareza sua relação com o outro e com o mundo. (F)

A prevenção se dá, justamente, com o fortalecimento de posturas comprometidas com a liberdade de viver, de ser, de fazer escolhas conscientes. Diante disso, afastar-se das drogas torna-se ação naturalmente consciente, sem medos, inquietações, pois é possível enxergar com clareza o que são as substâncias psicotrópicas sem atribuir-lhe adjetivos estranhos a sua natureza. Afinal, “[...] Educação não se faz com sustos, mas despertando as consciências em favor da vida.” (VIZZOLTO, 1991, p.74).

No que se refere à compreensão dos pesquisados em relação à contribuição do despertar e desenvolvimento da consciência para prevenção do uso de drogas, pôde-se verificar que todos concordam, acreditam e confiam nessa possibilidade. Note-se algumas respostas a seguir.

Lógico que sim, uma vez que é a partir do despertar da consciência que o indivíduo tem noção da gravidade das consequências do envolvimento com as drogas e da importância de se manter afastado delas. Geralmente as pessoas que se envolvem no mundo das drogas, são de certa forma inconscientes de suas ações. (A)

Sim. O despertar da consciência contribui para a prevenção do uso de drogas, pois a partir do momento que a pessoa percebe que suas ações determinarão seu futuro e que elas tanto podem ser negativas quanto positivas, evitará envolver-se em situações que vão por seu projeto de vida em risco. Verá que algumas ações podem ser uma armadilha para seu futuro. (B)

Sim, a partir do momento que tomamos conhecimento de uma determinada situação e percebemos que algo precisa ser feito para modificá-la, uma vez que não traz benefício nenhum para sociedade. (C)

O despertar da consciência promove o equilíbrio do ser em todos sentidos. Portanto, a sua capacidade de avaliar o bem e o mal torna-se maior à medida que desperta para um entendimento melhor. (D)

Com certeza, uma vez que ao desenvolvermos e despertamos a consciência assumimos uma postura crítica e percebemos que somos capazes e responsáveis por atitudes antecipadas que ampliem as possibilidades de ações preventivas, seguidas de intervenções específicas diante dessa grande demanda do uso de drogas no intuito de evitar o progresso. (E)

Há, portanto, convicção de que a consciência é responsável pela prevenção efetiva, uma vez que os professores afirmam que esta, ao ser desperta e desenvolvida, faz com que o indivíduo apresente “senso de responsabilidade”, “noção de gravidade”; “entendimento dos riscos”; “percepção da necessidade de mudança”; “capacidade de avaliar o bem e o mal”; “assunção de postura crítica e reflexiva”, de modo que deixam implícito que a consciência ao ser aflorada não dá espaço para o uso ou dependência de substâncias psicoativas, as quais agem sobre o sistema nervoso central do ser humano, alterando a sua percepção do mundo e de si mesmo, inviabilizando a aproximação do ser de si mesmo e a sua tomada de consciência.

As falas dos professores, seguramente, não contribuirão significativamente se estiverem desacompanhadas da ciência de que são necessárias ações educativas bem elaboradas, responsáveis, comprometidas e integradas à realidade do estudante. Estas ações serão, potencialmente, capazes de levar o estudante à reflexão acerca da sua existência, conduzindo-o à constante ressignificação da vida através de suas descobertas, fazendo com que a consciência aflore cada vez mais e sempre.

Cabe ressaltar, porém, que foi verificada distância entre a teoria e a prática dos pesquisados, quando analisada a questão discursiva (Apêndice C), a qual buscou algum relato de prática educativa desenvolvida em sala de aula ou de um projeto interdisciplinar executado em que a prevenção do uso de drogas tivesse sido tema. 80% dos pesquisados preencheram o espaço reservado à resposta da referida questão, todavia, salienta-se que os 20% que

a deixaram em branco, sem resposta, talvez, não tenham se dado ao trabalho de tecer comentários que justificassem a negativa, como alguns o fizeram:

“Não tenho conhecimento de nenhum projeto interdisciplinar, nem prática desenvolvida cujo tema tenha sido Prevenção do Uso de Drogas.” (A)

“Diante do contexto nenhum projeto interdisciplinar vem sendo executado, no entanto, recentemente realizei a inscrição para realizar um curso de prevenção do Uso de Drogas, a fim de ter recursos teóricos e práticos para contribuir nessa prevenção. Vale ressaltar que são discutidos em sala diversos textos sobre o assunto, porém de forma cautelosa para não ocasionar constrangimentos” (B)

Ainda neste sentido, pode-se registrar que foram feitas pelos pesquisados considerações diversas desde a menção a inscrição em curso sobre prevenção até mesmo o registro de projetos de outras unidades, fugindo totalmente do que lhes foi perguntado. Desse modo, as respostas continuaram a indicar a inexistência de práticas educativas contínuas e/ou projeto interdisciplinar que têm/tem como objetivo a prevenção do uso de drogas. Note-se:

*“Programa PROERD
Aplicado nas séries iniciais do fundamental I e II por policiais” (C)*

“A prática educativa desenvolvida foi o projeto PROERD, o qual ministrou aulas sobre a prevenção de Drogas. O público-alvo; alunos do 6º ano.” (D)

“O ano passado 2013 alguns professores do núcleo Educacional Pedro Leal Cardoso, se inscreveram em um Curso a distância sobre a Prevenção ao Uso Drogas de Drogas. Foi exigido um projeto como TCC e nós professores fizemos várias oficinas alertando sobre o uso abusivo tanto das drogas ilícitas quanto das lícitas, foi muito bom houve exposição de vídeos, leitura de poesias, jogos e palestras sobre o tema.” (E)

Somente 30% dos respondentes da questão discursiva citaram sucintamente práticas desenvolvidas e projeto interdisciplinar sobre prevenção do uso de drogas, mas sem aprofundar qualquer comentário acerca do que registraram. Verifique-se:

“Análise e Interpretação de texto (música)” (F)

*“A partir da morte de um aluno que, segundo informações, estava envolvido com drogas, desenvolvi uma sequência didática.
1-Texto para leitura cujo tema era as consequências do uso de drogas. 2- levantamento de quantos alunos já haviam sido mortos pela mesma causa. 3 – Debate sobre as causas que levam ao uso de drogas e quais as*

consequências. 4 – Produção de campanha, através de cartazes, alertando para os males causados pelas drogas.” (G)

“Feira de Cultura = projeto interdisciplinar Seminários e Palestras.” (H)

As respostas acima são as únicas indicações, dentre todos os pesquisados, de que existiram práticas educativas voltadas à prevenção do uso de drogas na Colégio X. Evidentemente, que não se pode aferir das respostas o êxito obtido na utilização das atividades desenvolvidas, entretanto, vale destacar a diversidade de atividades mencionadas: análise e interpretação de músicas; debates; campanha; pesquisa; cartazes; feira de cultura; seminários; palestras; dando mostra de que é possível realizar a prevenção de forma criativa e dinâmica, sem o discurso engomado do “expositor sabe tudo”, do expert em prevenção do uso de drogas.

Outrossim, o pesquisado **G** menciona o motivo da criação da sequência didática por ele construída, “a morte de um aluno”. Certamente, há necessidade de estar atento e refletir sobre os acontecimentos que atingem aqueles envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Todavia, salienta Nery Filho (2012, p.293) “[...]que não é a droga o mais importante, a droga é um objeto que permite ir vivendo, e não, a morte; a morte é acidental. Eles cheiram cola para viver e não pra morrer, a morte é um acidente [...]”, portanto, nota-se que a prevenção necessita estar ocupada de vida, da dinâmica da vida, visando-a.

A relevância é extrema e, sem dúvida, o falecimento de um aluno, de um colega de classe, é fato que não se pode ignorar. O educador mostrou-se ativo e atuante diante da situação, rejeitando atitude omissa ou passiva diante do ocorrido. De outra forma, porém, é necessário pensar, isto é, “teve que acontecer” uma tragédia (morte) para que a ação preventiva, a reflexão sobre as drogas se tornasse tema das aulas do professor **G**. Isto revela o quanto é preciso estar com a consciência desperta e em desenvolvimento, professores e alunos, a fim de que não se deixem olvidar dos apelos que ecoam distantes, ou mesmo perto, acreditando que nunca farão ou que não fazem parte da sua realidade direta ou que nada têm a ver com isso, pois em algum momento cada um e todos será (ão) convocados a se posicionar acerca do que se passa na sua vida e/ou no seu derredor.

1.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões apresentadas nesta pesquisa indicam que a prevenção do uso de drogas no Colégio X acontece de forma incipiente, sufocada pelo sentimento de medo de professores e alunos. Constatou-se que os documentos que respaldam e norteiam a prática pedagógica escolar são bastante antigos, Projeto Político Pedagógico (2000) e Plano de Desenvolvimento da Escola (2001), não havendo uma sintonia entre a realidade atual e a reflexão e teorização feitas há mais de uma década sobre a instituição. Os documentos não contemplam o exercício da prevenção do uso de drogas, não havendo sequer menção do assunto.

Outrossim, o Colégio X passou por transformações diversas até se encontrar no estágio atual: quadro de professores aumentou, assim como a quantidade de estudantes; a evasão e a reprovação aumentaram; as drogas se fizeram presentes no ambiente escolar; algumas questões materiais foram minimizadas, de modo que não há reflexões atuais, fundamentadas e aprofundadas por debates realizados entre os educadores do Colégio X, nem tampouco, pela comunidade escolar.

Não existe programa de prevenção desenvolvido pelos professores, mas tão somente umas poucas atividades isoladas realizadas, sem articulação, sem contar com estudo, acompanhamento, avaliação, até porque os educadores não dispõem de suporte administrativo-pedagógico e não lhes são oferecidos cursos periódicos sobre o tema. Neste sentido, constata-se que o Colégio X tem-se olvidado de que

A escola é um lugar onde os jovens socializam-se, fazem amizades e onde podem ter uma interação com adultos significativos (como os professores). É também um lugar que possui como massa/objeto, conhecimentos, valores e afetos. Vários vetores sociais contam a favor da escola como um lugar privilegiado para acionarem-se os programas preventivos e de atenção[...] (CASTRO; ABRAMOVAY, 2005, p.118)

Restou detectado o despreparo do educador, mas também, numa leitura extensiva, do corpo administrativo-pedagógico da unidade escolar para lidar com o tema drogas, uma vez que o professor é um dos atores que

diretamente se relacionam com outros segmentos também responsáveis pelo fazer educativo comprometido e responsável. Pelo menos, foi sinalizada pelos educadores a necessidade do trabalho preventivo, depositando neste a esperança de ser o caminho seguro para “afastamento” do estudante das substâncias psicoativas.

Neste sentido, urge a necessidade de mobilização acerca da prevenção, buscando atividades/ações que objetivem o despertar e o desenvolvimento da Consciência, priorizando-a como meio (despertamento) e fim (desenvolvimento) a ser perseguido no trabalho preventivo. Compreende-se

[...] consciência como um raio de luz, oriunda da luz universal, que brilha no interior de cada um de nós e que sinaliza quando os nossos sentir, pensar e agir não estão de acordo com o equilíbrio universal, que nos favorece com a paz, com a harmonia, com o amor, com a vida. (BARRETO, 2011, p. 81)

Dessa forma, não se ataca a droga, nem o traficante, muito menos o usuário, o que se faz é o empoderamento do ser diante da sua própria vida para que decida sempre de forma autônoma, para que pense, sinta e aja, tudo por si mesmo. Não se quer pensar em prevenção de fora pra dentro, mas sim favorecer que cada ser humano seja capaz de se autoperceber, de sentir-se “luz que se ilumina e ilumina por onde passa”.

O projeto educativo é, então, tentar integrar e não afastar o Ser Humano de si mesmo. Isto implica ter presente seus valores subjetivos, além dos objetivos, proporcionando aos educandos condições de uma formação adequada, de tal forma que possam descobrir, por si sós, suas tendências e seus valores próprios, bem como suas finalidades de existir, seus deveres naturais para com a vida, incluindo valores que envolvam as pessoas, de um modo geral, e o equilíbrio dinâmico nas relações cotidianas (IDEM, 2005, p.29).

Na atividade educativa escolar de prevenção do uso de drogas que preza pela Consciência não se descarta a informação, o conhecimento, os recursos materiais, as estratégias pedagógicas, porém, tudo isso, não é considerado o mais importante, o valor maior é o ser humano, a escuta sensível àquele que pensa, que sente e que age, esta sim, é condição *sine qua non* para que a atividade educativa tenha substância.

Para que a prevenção seja realmente-operante, ela tem que levar em conta a dimensão humana das aspirações da juventude, inseridas naquilo que ela tem de melhor: a ousadia de esperar e exigir mudanças. Abordada desta maneira, revelar-se-á toda a dimensão humana da própria problemática de drogas; sem este confronto, não se entende a amplitude da questão, nem que ela faz parte de um contexto mais abrangente, abarcando o caminhar da humanidade rumo a um destino incógnito. (BUCHER, 2007, p.122)

As atividades citadas por três dos dez professores pesquisados: análise e interpretação de músicas, debates, campanha, pesquisa, cartazes, feira de cultura, seminários, palestras são instrutivas, certamente, enfatizam o mal das drogas, porém ignoram os múltiplos sentidos atribuídos às drogas pelos jovens e as relações com suas biografias diversas (CASTRO; ABRAMOVAY, 2005). Desse modo, o afastamento que se pretende é físico, pois não se ocupa do ser de forma integral, ignorando os anseios, os conflitos, os medos e os sentimentos do ser que carrega em si o germe do inacabamento e da imperfeição, por isso capaz de se autoedificar a todo o momento, incessantemente.

A mais alta função da educação consiste em produzir um indivíduo integrado, capaz de entrar em relação com a vida como um todo. O idealista, tal como o especialista, não está interessado no todo, mas apenas na parte. Não poderá haver integração enquanto estivermos interessados em algum padrão ideal de ação; e a maioria dos preceptores, que se mostram idealistas, repudiaram o amor, seu espírito é árido e coração insensível [...] (KRISHNAMURTI, 2003, p.23).

O estudante deve construir o seu caminho, ele próprio, sem muletas. A consciência de que o uso de substâncias que agem diretamente sobre o seu sistema nervoso central não lhes são atrativas, não lhes seduzem, são prejudiciais para seu viver, deve ser conclusão de cada um, sopesando os prós e os contras, sem superstições, medos, estigmas, pois enquanto ser íntimo de si, ciente do seu papel no mundo, saberá decidir, escolher, orientar-se. Ao educador cabe promover, fomentar, instigar, favorecer o encontro do ser humano aprendiz com ele mesmo. Não é à toa que Nery Filho (2009) ainda acredita na prevenção pela via de um processo educacional, sob a égide da liberdade, ocupado com a Vida.

Penso que o máximo que podemos fazer em nome da prevenção é um amplo processo educacional, informando às pessoas sobre os riscos e as possibilidades de causar danos à vida. Defendo uma informação para a proteção à vida, com liberdade. Quanto mais eu puder alcançar o outro, numa informação o menos preconceituosa e o mais próxima possível da verdade, mais serei eficaz. Mas, para isso, é preciso que elas sejam capazes de receber essa informação. Quando alfabetizada, a pessoa lê e, a partir daí, pode ampliar sua reflexão. Quanto mais preparado cada um estiver para receber informação sobre as substâncias psicoativas, melhor. Então, eu chamo a isso informação para a liberdade de decidir sobre a própria vida. É no que eu acredito hoje. Não acredito em prevenção, no sentido de campanhas rápidas, micro campanhas, pequenas informações tipo: não use isto porque você vai morrer. A morte é, geralmente, um acidente. (NERY FILHO, 2009, p.302/303)

A escola, indubitavelmente, é espaço próprio para que a prática educativa de prevenção do uso de drogas aconteça a contento, o que não significa trabalhar de forma isolada, pois como já foi discutido neste trabalho, a família e a escola precisam estar vinculadas; as relações dos estudantes fora da escola interessam a sua formação e o sentido que estes dão a elas é objeto de reflexão e contribuem para o seu crescimento. Assim, como sugestão, o Colégio X poderia criar de forma respaldada, juntamente com todos os envolvidos no processo educacional (as suas representações – colegiado escolar, grêmio estudantil, conselho de professores e diretor) o Núcleo de Estudos da Consciência (NEC). Este contaria com a participação voluntária de todos aqueles que frequentassem regularmente o Colégio X e que tivessem o desejo de aprofundar conhecimentos, sentimentos, percepções acerca de assuntos que contribuem ao autoconhecimento e à autorrealização. Assim, centra-se no que verdadeiramente importa, o humano, e, por sua vez, a prevenção é tratada de forma consciente como uma escolha positiva que o ser faz em favor da vida.

Ademais, já existe, por parte dos professores, a ciência de que o trabalho de prevenção precisa acontecer a partir do interior de cada indivíduo. Isto restou provado nas suas respostas acerca da contribuição do despertar e desenvolvimento da consciência para a prevenção do uso de drogas. Há, então, grandes possibilidades de que, unidos e afinados em seus propósitos (e, para tanto, poderiam utilizar grupos de estudo; oficinas; reuniões

e semanas pedagógicas), os professores consigam avançar em suas práticas de forma refletida, consciente, inovando e ampliando as possibilidades de aprendizagem significativa.

Diante do exposto, uma vez identificadas as práticas educativas preventivas do uso de drogas dos professores do Colégio X, rejeitam-se, portanto, como únicas lentes as utilizadas pela vertente objetivista e racionalista, a qual desde o início da história da prevenção atribuiu um caráter patológico e judicial ao uso e à dependência das drogas psicotrópicas. Não restou dúvida de que o manejo da prevenção do uso de drogas no contexto educacional exige do educador conhecimento, informação, didática, mas, sobretudo, posicionamento crítico, sensível, disposto e inquietante diante de si, do outro e do mundo e que as práticas educativas baseadas apenas em palavras de ordem, memorização e repetição de comportamentos, mais adestram do que contribuem para a prevenção.

REFERÊNCIAS

BAHIA. Secretaria de Educação. *Regimento Escolar*. Salvador, jul. 2011.

BARRETO, Maribel. *Ensaio sobre Consciência*. Salvador: Sathyarte, 2012.

_____. *Os Ditames da Consciência*. A Consciência atrai o que vai adiante. Volume 3. Salvador: Sathyarte, 2011.

_____. *O papel da consciência em face aos desafios atuais da educação*. Salvador: Sathyarte, 2005.

BRASIL. *Constituição*(1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Planalto. Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 29 abril 2014.

BRASIL. Senad. *Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas*. 5ª edição. Brasília: Ministério da Justiça, 2012.

BRASIL. Senado Federal. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. nº 9394/96. Brasília, 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio: bases legais*. Brasília, 2000.

BUCHER, R.(Org.). *As drogas e a vida: uma abordagem biopsicossocial*. São Paulo. Cordato - Centro de Orientação sobre Drogas e Atendimento a Toxicômanos/ EPU. 1988.

BUCHER, Richard. *A ética da prevenção*. Psic.: Teor. e Pesq. [online]. 2007, vol.23, n.spe, pp. 117-123. ISSN 0102-3772. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722007000500021>>. Acesso em: 26 setembro 2014.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. *Drogas nas escolas*. Brasília: UNESCO, Rede Pitágoras, 2005.

CHARBONNEAU, Paul- Eugènè. *Drogas: Prevenção, Escola*. São Paulo: Paulus, 1988.

DIAS, Carmen Izabel Venturini. *Globalização, Violência, Drogadição e Práxis Educativa*. Rio Grande do Sul: Editora Unijuí, 2001. (Coleção livros de bolsa)

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da Língua portuguesa*. 4.ed. CURITIBA: Positivo, 2009.

FONSECA, João José Saraiva da. *Metodologia da pesquisa científica*. Ceará: Universidade Estadual do Ceará, 2002.

FONSECA, M. S. *Prevenção ao abuso de drogas na prática pedagógica dos professores do ensino fundamental*. 2006. 192f. (Tese de Doutorado), Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Centauro, 2008.

_____, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GRISSOLIA, Cintia Ayres, SOBRINHO, Luiz Sérgio Torres. *Viva livre das Drogas, Conscientização e Prevenção*. Porto Alegre: Ed. AGE Ltda, 2000.

HUHNE, Leda M.; BRAGA M. *Drogas: educação, prevenção e práticas criativas*. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2004.

JUMSAI, Art - Ong. *Os Cinco Valores Humanos e a Excelência Humana*. Rio de Janeiro: Centro Sathya Sai de Educação em Valores Humanos, 2000.

KRISHNAMURTI, J. *A Educação e o significado da Vida*. São Paulo: Editora Cultrix, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia científica*. 4ªed. revista e ampliada. São Paulo: Atlas, 2006.

MENEZES, Evilásio. *Pedagogia da Consciência*. 1ª edição. São Paulo: EME, 2010.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*; tradução Eloá Jacobina, 8. ed. Rio de Janeiro:Bertrand Brasil, 2012.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*.6ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MORIN, Edgar. *Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. 3a. ed..São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

NERY FILHO, Antonio. Introdução: Por que os humanos usam drogas? In: NERY FILHO, Antonio et all (Orgs). *As drogas na contemporaneidade: perspectivas clínicas e culturais* (p.11-20). Salvador: EDUFBA: CETAD, 2012.

NERY FILHO, Antonio. Entrevista realizada com o Prof. Antônio Nery Filho. *Toxicomanias: incidências clínicas e socioantropológicas*. Salvador: EDUFBA: CETAD, 2009, p.283-305. Entrevista concedida a *Edward MacRae, Luiz Alberto Tavares e Marlice Rêgo*.

OLIVEIRA, Maria Marly de. *Como Fazer Pesquisa Qualitativa*. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2008.

PEREIRA, Iêda Lúcia Lima; HANNAS, Maria Lúcia. *Educação com consciência: fundamentos para uma nova abordagem pedagógica*. São Paulo: Editora Gente, 2000.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. *Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber*. Petrópolis: Vozes, 2008.

PNUD. *Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013*. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/>>. Acesso em: 29 agosto de 2013.

RIBEIRO, Tiago Magalhães. *Do você não pode ao você não quer: uma história da prevenção às drogas na educação*. 1ª edição. Curitiba: Editora Prismas, 2013.

SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton. *Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar*. Campinas: Autores Associados, 2012.

VIZZOLTO, Salete Maria. *A Droga, a Escola e a Prevenção*. 4ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

WUSTHOF, Roberto. *O que é prevenção de drogas*. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Coleção Primeiros Passos)